


memória e linguagens culturais

MARCAS DO DISTANCIAMENTO



Revista da Disciplina de
Oficinas de Linguagens
Culturais e Suas
Formas de Expressão
e da Disciplina de
Mobilidades Culturais
1º Semestre · 2021
Ano 11 · Nº 18

Programa de
Pós-Graduação em
Memória Social
e Bens Culturais

UNIVERSIDADE
LaSalle 

Esta revista é uma criação dos alunos do curso de Mestrado e Doutorado em Memória Social e Bens Culturais, da Unilasalle Canoas, para a Disciplina de Oficinas de Linguagens Culturais e Suas Formas de Expressão e Disciplina de Mobilidades Culturais, de 2021, sob orientação da professora Dra. Zilá Bernd e da professora Dra. Lúcia Regina Lucas Rosa.

SOBRE O PPG EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS

O Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (PPG-MSBC) é composto por um curso de mestrado profissional e um doutorado acadêmico. O mestrado profissional é um diploma equivalente ao de mestrado acadêmico, autorizando o titulado a atuar no Ensino Superior. Sua vantagem em relação a um curso acadêmico é a ênfase no impacto social da pesquisa científica: para além de uma dissertação, o Mestre Profissional gera uma série de produtos técnicos que contribuem para que sua pesquisa repercuta imediatamente na sociedade – em organizações, instituições, empresas, etc. Trata-se, portanto, de um processo de formação que enfatiza a inserção profissional para além dos muros da Universidade.

SOBRE A DISCIPLINA DE OFICINAS DE LINGUAGENS CULTURAIS E SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO

Noções de linguagens: comunicação e expressão. Linguagens como suporte da memória cultural. Linguagem como espaço de negociação identitária, de interação cultural e de passagens transculturais. Adequação das linguagens a diferentes usos (midiáticos, técnicocientíficos e simbólicos). Linguagens e mediações tecnológicas: texto, imagem e som no universo digital. Heterogeneidade, mobilidade e hibridação das linguagens. Olhar, foco e perspectiva.

SOBRE A DISCIPLINA DE MOBILIDADES CULTURAIS

Conceito de mobilidades culturais, vantagens e pontos de fragilidade. Importância da noção de mobilidade cultural em contextos de globalização e/ou de fronteira, marcados por fluxos migratórios, transferências e choques culturais. Estudo de mobilidades espaciais, temporais, discursivas e linguísticas. Exemplos de nomadismo intelectual, de movência para alteridades, de percurso e de variações culturais, passagens do nacional ao transnacional. Oficinas: estudo de caso de mobilidades culturais verso digital. Heterogeneidade, mobilidade e hibridação das linguagens. Olhar, foco e perspectiva.

EXPEDIENTE:

Reitor

Prof. Dr. Paulo Fossatti

Vice-Reitor

Pró-Reitor de Pesquisa e Extensão

Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr. Cledes Casagrande

Diretora de Pós-Graduação e Pesquisa

Prof. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais

Prof. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

Vice-coordenadora do Programa de Pós- Graduação em Memória Social e Bens Culturais

Prof. Dra. Tamara Karawejczyk

Professoras da Disciplina de Linguagens Culturais e Suas Formas de Expressão e de Mobilidades Culturais

Prof. Dra. Zilá Bernd

Prof. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa

Projeto Gráfico, Diagramação e Foto da Capa

Paulo Fernando Pires da Silveira

Fotos

Banco de Imagens Pixabay.com e Fernando Pires Foto+Grafia, exceto quando indicadas na seção.

Revisão

Prof. Dra. Zilá Bernd

Prof. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa



editorial

Foto: Fernando Pires

MARCAS DO DISTANCIAMENTO

A Revista Memória e Linguagens Culturais é uma publicação semestral de divulgação científica vinculada à Linha de Pesquisa Memória e Linguagens Culturais do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. Seu objetivo é veicular produções discentes realizadas no âmbito da disciplina de “Mobilidades Culturais” e da Oficina “Linguagens culturais e suas formas de expressão”. Em formato de magazine, é um canal de comunicação entre as produções de alunos de mestrado e doutorado em Memória Social e Bens Culturais e a comunidade. Sua linha editorial propõe (1) questões ligadas às diversas formas de expressão das linguagens culturais como textos escritos, autobiográficos, literários, jornalísticos, teatrais, das artes vi-

suais, etc ; (2) estudos de caso de mobilidades culturais – espaciais, temporais, discursivas e linguísticas; e (3) análises críticas da noção de mobilidade cultural em contextos de globalização e/ou de fronteira, marcados por fluxos migratórios, transferências e choques culturais.

No número 16, de 2020/1, intitulado Narrativas de uma pandemia, inauguramos um ciclo de publicações sobre o tema que aflige a todos os brasileiros e o mundo inteiro que é o da pandemia. Desdobrarmos o tema no segundo semestre de 2020, revelou-se indispensável na medida em que as condições sanitárias do Brasil e do mundo se agravaram dando origem a uma necessidade ainda maior de adentrar a temática da pandemia e seus desdobramentos. Mais uma vez nossos discentes deram prova de resiliência,

Professores e alunos encaramos as muitas restrições a que fomos submetidos, reagindo de forma criativa e resiliente ao drama que se abateu sobre o Brasil e o mundo, sem deixar de avaliar a gravidade da situação e as atitudes de nossos governantes.

coragem e empatia com o sofrimento de tantas famílias enlutadas com a perda de seus entes queridos. Naquela altura, o número de vítimas girava em torno de 200.000. Hoje, diante do quadro alarmante de mais de 400.000 vítimas, o tema continua a se impor como dominante das preocupações de todos.

Assim, mestrandos e doutorandos do PPG MSBC/Unilasalle voltam a debruçar-se sobre os desdobramentos da pandemia em nossos corações e mentes, dando ênfase para as MARCAS DO DISTANCIAMENTO e seus possíveis impactos em nosso modo de ver e de encarar o mundo. Professores e alunos encaramos as muitas restrições a que fomos submetidos, reagindo de forma criativa e resiliente ao drama que se abateu sobre o Brasil e o mundo, sem deixar de avaliar a gravidade da situação e as atitudes de nossos governantes.

Gostaríamos igualmente de ressaltar que novamente contamos para o trabalho de diagramação e montagem da revista com o apoio, a competência e o talento do nosso doutorando Paulo Fernando Pires da Silveira, professor da ULBRA e profissional da área da fotografia.

Os artigos chamam a atenção dos leitores sobre fatos que ocorreram durante a pandemia como a tentativa governamental de ocultar o número de ocorrências e de vítimas da Covid

-19. A criação do consórcio de órgãos de imprensa permitiu que tivéssemos acesso em tempo real sobre a gravidade da situação. Outro papel importante da imprensa foi o de desmascarar as chamadas “fake news”. Esses e outros instigantes aspectos encontramos no texto redigido pela jornalista e doutoranda de nosso PPG MSBC, Adriana Seibert de Oliveira.

Já Cristiane Gomes, mestranda de nossa instituição, traz em seu texto, memórias de formações docentes realizadas entre 2019 e 2020, apontando exemplos positivos de professores de Esteio (RS) que, durante a pandemia, conseguiram reinventar suas práticas pedagógicas para atingir, mesmo a distância, seus alunos.

A delicada questão do ensino à distância em um país de grandes desigualdades sociais como o Brasil, é abordada de forma muito pertinente pela mestranda Keith Ferraz Morata que afirma que a pandemia “tem mostrado a desigualdade no Brasil em relação ao acesso à educação e às tecnologias dentre as camadas sociais”. Isto seria um sinal de alerta para as autoridades investirem em avanços para garantir as mesmas oportunidades a todos como prevê, aliás, a Constituição Federal.

Sabrina Henz aponta exemplos edificantes realizados na escola onde atua como professora: EMF Professor Guilherme Sommer no município de Teutônia (RS), onde os professores tiveram trabalhos redobrados para inventar e reinventar técnicas para alcançar e motivar seus alunos durante a pandemia.

A experiência de trabalho voluntário da mestranda Magali Biffi, realizado na UNATI - Universidade Aberta da Terceira Idade da Unilasalle, aponta para a importância da literatura para fazer com que pessoas da terceira idade recriem suas memórias sobretudo em tempos de confinamento prolongado em função da pandemia. Já Paulo Sehn, doutorando e professor da rede municipal de Lajeado (RS), aborda o tema das cidades inteligentes e seu papel como modelo viável e sustentável para organizar e planejar o crescimento das cidades: “Problemas advindos da evolução das cidades podem ser mitigados, ou mesmo resolvidos, se a ciência e a tecnologia fizerem parte desta evolução. O crescimento desorganizado das cidades, os problemas de mobilidade urbana, o alto consumo de matérias-primas, e o foco deste trabalho: a preservação do patrimônio material edificado, por exemplo, podem ser amparados pelo correto e organizado uso dos dados gerados pela própria cidade”.

Moysés Lopes Prates aborda a temática da mobilidade cultural em tempos de pan-

demia: perguntando-se: Como, em tempos de pandemia, poderemos ofertar possibilidade de ultrapassagem de conflitos para, ao fim, alcançarmos o entendimento necessário à boa convivência? Trata-se de texto que enfatiza os meios de comunicação como internet, whatsapp, entre outros, para minimizar o vazio criado pelo distanciamento social em tempos de pandemia. A doutoranda e psicóloga Tatiana Araújo de Lima traz, oportunamente, respostas à desafiadora questão de se manter a saúde mental em tempos pandêmicos. Em sua conclusão nos dá uma bela lição de encorajamento: “ Há esperança, há resiliência, mas ela está presente naqueles corações que têm coragem e persistência para prosseguir, seguir em frente,

resolutos e determinados, seguindo todas as possibilidades que podem ser engendradas em um amanhã mais equânime, mais saudável e determinado a desenvolver a solidariedade, o discernimento e a sabedoria”.

Finalizando a sequência de artigos sobre a questão do impacto do distanciamento durante os tempos de Covid-19, Talles Garcia Santana, especialista em teledramaturgia brasileira, discorre sobre questões de multiculturalidade e de trânsitos diaspóricos apresentados pelas telenovelas de nosso país, evidenciando a maneira como muitas telenovelas aproximam os telespectadores das diversidades culturais e religiosas, através de personagens e cenários de outros contextos geográficos e culturais.

Foto: Fernando Pires



ORIENTADORAS/ ORGANIZADORAS

ZILÁ BERND - É professora e orientadora do PPG Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle e pesquisadora 1A do CNPq. É autora de vários livros e artigos sobre memória social, estudos canadenses e questões de identidade e de hibridação cultural nas Américas.



LUCIA REGINA LUCAS DA ROSA - Professora de literatura brasileira, africana, ensino de língua e literatura; professora no PPG em Memória Social e Bens Culturais e coordenadora do curso de Letras na Universidade La Salle. Doutora em Literatura Brasileira, coordenadora de projetos de arte e cultura, com a peça Mulheres de Machado, saraus culturais e organização de livros bilíngues de contos.



sumário

memória e linguagens
culturais

editorial

3

**Memórias da formação
docente de 2019 e 2020:
narrativas do presencial
ao virtual**

por Cristiane Gomes

13

sumário

6

**A Educação em tempos
de pandemia**

por Keith Ferraz Morata

19

artigos

**Marcas que a pandemia deixa
na produção jornalística**

por Adriana Seibert de Oliveira

8

**A docência
em movimento na EMEF
Prof. Guilherme Sommer**

por Sabrina Henz

23

Construindo novas memórias

por Magali Regina Biffi

29

**COVID-19: Como manter a paz,
a saúde mental e a serenidade
em tempos de pandemia?!**

por Tatiana Araújo de Lima

44

**Cidades inteligentes –
repensando a mobilidade
urbana com vistas
à preservação do
patrimônio material**

por Paulo Gustavo Sehn

34

**As diásporas e
a teledramaturgia**

por Talles Garcia Santana

50

**Entrevista com o
Grupo de Teatro
De Pernas pro Ar**

por Robson da Silva Constante,
Wagner dos Santos Chagas,
Lúcia R L Rosa
e Ronaldo Silva Lopes

54

**Mobilidade cultural
em tempos
de distanciamento**

por Moysés Lopes Prates

39



Foto: Moacir Fritzen

Marcas que a pandemia deixa na produção jornalística

A pandemia da COVID-19 afetou todos os campos da sociedade mundial, causou milhares de mortes, revelou a falta de estrutura na área de saúde e também forçou mudanças, tanto nas rotinas pessoais, como profissionais. A área do jornalismo foi diretamente afetada, seja no que diz respeito à produção de materiais de informação ou ainda, na questão da valorização do profissional jornalista.

Em função da pandemia, iniciativas foram tomadas pelos profissionais, entre elas pode-se perceber o aumento de espaço do jornalismo nas grades de programação de rádios e emissoras de televisão e também nas páginas de jornal e de sites de notícia, assim como a produção de um material mais especializado, com entrevis-

tas com profissionais da área de pesquisa científica e da saúde.

Também foram disponibilizados mais canais de interação com o público para que possam sanar dúvidas e sugerir pautas. Foram utilizados recursos tecnológicos que ampliam a facilidade no entendimento do conteúdo, como o uso de infográficos didáticos e realização de transmissões ao vivo de entrevistas com profissionais da área de saúde e pesquisadores sobre a temática, seja na sua grade de programação normal, em lives ou nos sites dos veículos de comunicação.

Conforme o jornalista e professor visitante, bolsista CAPES/PNPD no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Marcio da Silva Granez, entre as principais mudanças que puderam ser percebidas na forma de fazer Jornalismo, tem destaque a desconfiança do profissional em relação às informações que circulam na rede. "As equipes tiveram de adotar uma postura mais atenta ao lidar com essas informações. Muitos veículos passaram a dedicar um espaço para a checagem, diante da quantidade de desinformação que passou a circular já desde antes da pandemia - o marco inicial podendo ser situado quando do advento das redes sociais digitais e sua influência sobre processos decisórios como a saída do Reino Unido da União Europeia e a eleição do presidente

Donald Trump", afirma.

Granez destaca ainda que no ano passado, houve um episódio muito importante que ilustra essa adaptação dos veículos em tempos de desinformação promovida sobretudo pelo governo: "O consórcio de veículos que tomou para si a tarefa de divulgar os números da pandemia quando o governo brasileiro tentou sonegá-las à população, na fase mais aguda da crise sanitária. Considero um exemplo muito signifi-

cativo, que mostra como sem a imprensa ficamos privados do bem mais importante de uma sociedade complexa: a informação de qualidade", reforça o professor.

Em relação à parte prática da construção da notícia, o jornalista Moacir Clemente Fritzen coloca que a pandemia do novo coronavírus limitou os jornalistas em pelo menos três aspectos, os quais considera fundamentais na profissão: os contatos pessoais com as fontes, as verificações in loco dos acontecimentos e as pesquisas em arquivos públicos que não estejam digitaliza-

dos. "A solução foi "se virar" do jeito que dava com o uso de ferramentas digitais, de aplicativos de mensagens instantâneas, videochamadas e o velho e eficaz telefonema. Nada, no meu entender, substituirá o contato pessoal, o olho no olho, o cara a cara", comenta Fritzen.

Fritzen ainda complementa, "muitas vezes, jornalistas conseguem captar informações por meio

**“Como profissional, acredito que os principais ensinamentos estão no aspecto humano mesmo: precisamos ouvir cada vez mais, julgar cada vez menos e sermos muito mais pacientes”.
Moacir Fritzen.**

das reações de entrevistados, por exemplo. Isso também é importante para descrever as emoções das fontes. Essa sensibilidade e capacidade de percepção ficou bastante restrita, mas bons profissionais têm capacidade de desenvolver outros métodos para conseguir levar ao público aquilo que considero ser o mais importante: a informação. E essa informação é obtida por meio de fontes, de pesquisa e de observações. Fica difícil sem ir a campo, com certeza, mas assim como todos tiveram que se adaptar à realidade de enfrentar uma pandemia, jornalistas também precisaram se adequar”.

A questão do respeito aos protocolos de segurança é outro ponto que, assim como em outras profissões também passou a fazer parte da rotina das redações e espaços técnicos dos veículos de comunicação: uso de máscaras e de álcool em gel, respeito ao distanciamento, realização de higienização constante dos materiais e do local de trabalho e o cuidado em deixar os ambientes ventilados.

Valorização - A busca por informações corretas neste período pandêmico, diante de um cenário social ainda não experienciado pela maioria da população, fez com que houvesse uma maior procura por dados divulgados nos veículos de imprensa já consagrados no meio. Este movimento que pode ser considerado um retorno do consumo

de materiais noticiosos pela população, depois de se vivenciar o amplo surgimento de materiais de conteúdos falsos, chamados de fake news, fez com que fosse restaurada a confiança no jornalismo profissional e trouxe uma consequente valorização destes profissionais, que têm a sua credibilidade muitas vezes colocada em cheque.

O professor Marcio Granez comenta que houve de fato essa valorização na medida em que as pessoas passaram a buscar mais informação qualificada, feita pela imprensa profissional. “No geral, a gente começa a perceber isso quando os grupos de WhatsApp da família passam a ter um cuidado maior em não repassar informação duvidosa: é a semente plantada pelos profissionais da imprensa e todos os outros que se dedicam a educar pela mídia, por meio de campanhas de educação midiática. A meu ver, essa mudança de postura já está acontecendo, como resultado dos esforços do jornalismo, dos educadores, dos cientistas e dos profissionais da área da saúde”, afirma.

O combate às fake news é colocado por Granez como a principal marca que a pandemia deixará para o jornalismo, com o reforço do papel do jornalismo como instância de verificação dos fatos e de debate público. “A pandemia viu recrudescer o fenômeno da desinformação, com uma avalanche de fake news e de conteúdo enganoso sobre o tema

**“O trabalho de checagem de fake news ou desinformação mostrou-se crucial nesse contexto, e vimos o fortalecimento de diversas agências e equipes de verificação trabalhando na imprensa”.
Marcio Granez.**



Foto: Adriana Seibert de Oliveira

da Covid-19, por razões políticas e ideológicas. Nesse contexto, o jornalismo mostrou o caminho, ao lançar luz sobre os fatos, no trabalho cotidiano de ouvir as fontes qualificadas, de apurar as informações e de trazer os diferentes pontos de vista sobre a realidade. Coisas que o jornalismo sempre fez, mas que se mostraram muito mais importantes no contexto atual, marcado pela volta do pensamento fundamentalista, pelos extremismos à direita e à esquerda, pelo desprezo à ciência e pela busca de soluções fáceis e enganosas”, afirma.

A importância do consumo de informações checadas e de fontes confiáveis se tornou essencial para o receptor, frente à emergente onda de Fake News que se agravou com a crise da Covid-19. “O trabalho de checagem de fake news ou desinformação mostrou-se crucial nesse

contexto, e vimos o fortalecimento de diversas agências e equipes de verificação trabalhando na imprensa. Junto com isso há também o esforço didático de ensinar a população a adotar postura mais crítica frente às mensagens que circulam nas mídias sociais digitais, o que considero um grande avanço e legado importante desse período de pandemia”, complementa Granez.

Aprendizado - Quando questionado sobre o aprendizado profissional que fica em função deste período pandêmico, o jornalista Moacir Fritzen reflete: “Ficam vários aprendizados. Nossa vida nunca mais será a mesma, no meu entendimento pelo menos. Como profissional, acredito que os principais ensinamentos estão no aspecto humano mesmo: precisamos ouvir cada vez mais, julgar cada vez menos e sermos muito mais pacientes. Sei que

jornalistas têm a missão diária de antecipar as notícias, de dar a informação em primeira mão. Mas, até que ponto isso é tão importante? Tenho me questionado muito sobre isso. Qual a finalidade e qual é o benefício disso? Tenho convicção que é mais vantajoso dar a informação mais apurada, melhor conduzida e que chegue ao público da forma mais compreensível possível. Do que adianta informar em primeira mão se a mensagem chegar cheia de falhas ao receptor? Temos que abdicar de egos, vaidades e protagonismo. O jornalista não é celebridade. Os protagonistas são as fontes e o público. O jornalista é apenas a ligação entre essas partes”, conclui.

RELATO PESSOAL

De acordo com o jornalista Moacir Fritzen, que atua no Jornal NH, muitos jornalistas precisaram ficar em home office para evitar “aglomerações” na redação. Ele relata a experiência que teve em dois momentos: na suspeita e quando soube que estava infectado. “Pessoalmente, fiquei em dois momentos no trabalho remoto, primeiro quando um colega que trabalhava ao meu lado testou positivo para Covid-19 e compartilhava o mesmo aparelho de telefone comigo. Fiquei trabalhando em casa por três dias até ter o resultado do meu primeiro teste, que foi negativo. O segundo momento foi quando, cerca de um mês depois, eu próprio apresentei sintomas (diarreia, perda do olfato e do paladar), fiz novamente o teste e então o resultado foi positivo. Fiquei em isolamento em casa e trabalhei remotamente por duas semanas. Como meus sintomas eram leves, não apresentei febre em nenhum momento, nem dor de cabeça. Me senti apto a trabalhar mesmo que isolado. E eu próprio que me ofereci a trabalhar de casa, pois ficar em isolamento,

completamente solitário, sem ter ocupação, na minha avaliação seria ainda mais prejudicial”.

CATEGORIA PROFISSIONAL

Este movimento da população voltada à busca de uma fonte mais confiável mostrou que o comportamento de consumo de notícias é influenciado por fatores externos que afetam a sociedade de forma massiva, ou seja, uma pandemia fez com que se voltasse novamente à busca de profissionais que produzem materiais com credibilidade, calcados na ética.

“Por outro lado, isso não resultou em valorização em termos de categoria profissional - o país segue fechando pequenos jornais e demitindo jornalistas, e as taxas de violência contra a imprensa no Brasil só crescem. Mas essa parece ser uma característica histórica do jornalismo enquanto profissão: para o bem e para o mal, não há o espírito corporativo que vemos em outras categorias profissionais. É importante, contudo, a gente salientar que a imprensa, apesar de atacada por todos os lados, tem se mostrado um serviço essencial para informar a sociedade com conteúdo de qualidade, para além dos negacionismos e radicalismos de toda ordem”, acrescenta o professor Marcio Granez.



Autora

ADRIANA SEIBERT DE OLIVEIRA -
Jornalista, Mestre em Letras -
Estudos Literários pela
UFSM, Doutoranda em
Memória Social e Bens
Culturais, na Unila-
salle. Atua há 19 anos
em veículos de comuni-
cação e em assessoria
de imprensa.





Foto: Pixabay.com / encurtador.com.br/puwyQ

MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO DOCENTE DE 2019 E 2020: NARRATIVAS DO PRESENCIAL AO VIRTUAL

Em janeiro de 2020, todos tínhamos inúmeros projetos, expectativas, sonhos e planejamentos. Participaríamos de vários eventos, compraríamos diversas coisas (muitas delas sem necessidade), trabalharíamos com bastante empenho, começaríamos um curso novo (ou daríamos andamento ao que já fazíamos), iniciariamos um relacionamento para toda a vida (ou terminariamos um...), viajaríamos e tirariamos muitas fotos para preencher os nossos status nas redes sociais. Tudo aconteceria na normalidade cotidiana da vida na sociedade contemporânea. Seriam muitas as narrativas escritas nas páginas da vida, mas 2020 teria um ritmo próprio...

Histórias construídas todos os dias já não aconteceriam mais... não da mesma forma, porque já não era possível sequer pensar como antes. Profissionais da saúde viraram heróis (reconhecimento tardio, mas necessário), olhamos como nunca antes, para os nossos velhos e tememos não tê-los mais por perto. Obrigamo-nos a auxiliar nossas crianças nas tarefas da escola (que já não era mais a mesma), e, neste momento, percebemos o valor dos professores na educação



Foto: Cristiane Gomes

de cada geração.

Diante do contexto de distanciamento social, ocasionado pelo Novo Coronavírus, a educação foi um dos setores da sociedade que mais sentiu reflexos negativos, visto que o sistema de salas de aula lotadas de estudantes, de repente, deparou-se com a suspensão de suas atividades presenciais. Essa situação, que acabou afetando a todos, alunos, famílias, professores e gestores, trouxe consigo possibilidades de se reinventar, mesmo frente a um cenário desfavorável. Isso porque educação é, antes de tudo, movimento e reflexão, num constante fazer, desfazer, perfazer e refazer.

José Moran (2019), em entrevista ao Portal Geekie, afirma que "o papel mais importante dos professores é apoiar e convencer os alunos de que podem evoluir em todas as dimensões, de múltiplas formas e por diversos caminhos, e que pela aprendizagem ativa e criativa podem

transformar suas vidas, desenvolvendo níveis crescentes de competências cognitivas e socioemocionais. Para isso, os docentes precisam desenvolver essa mesma mentalidade, a vontade de evoluir, de transformar-se sempre." Frente a esse novo desafio, provocado pela pandemia de COVID-19, os professores viram-se obrigados a se reinventar, pois sua zona de conforto, sua sala de aula, já não existia mais fisicamente. Essa mudança brusca de perspectiva profissional trouxe à tona diversas problemáticas que anteriormente não existiam, visto o atraso metodológico que a

educação construiu ao longo das últimas décadas, como o analfabetismo digital, por exemplo. Somado a isso, a resistência de muitos professores em permitir-se aprender e conhecer novas possibilidades de interação midiática, a

fragilidade da eficácia dos sistemas de ensino veio à tona.

Há que se considerar a resis-

“só podemos ensinar até onde conseguimos aprender.”

tência natural do ser humano ao se deparar com algo novo, que o tire da sua agradável, aconchegante e conhecida zona de conforto. Com relação ao uso das tecnologias não é diferente. Os adultos de 2020 são imigrantes no meio digital, e, por vezes, sentem-se intrusos nesse universo desconhecido, cuja familiaridade pode-se reduzir a zero. É preciso entender que, embora as mídias digitais estejam cada vez mais presentes dentro de nossas casas, a facilidade quanto ao seu acesso pode não ser tão natural quanto parece, visto o receio que muitos adultos possuem com relação ao uso de tecnologias.

Com a suspensão das aulas presenciais, os professores da rede de ensino de Esteio, amparados pela Secretaria de Educação do município, começaram a elaborar atividades remotas para os alunos. Essas atividades passaram a contar com o acompanhamento e a mediação constante do professor, seja por meio virtual,

por e-mail ou pelas redes sociais; ou físico, por meio da devolutiva das atividades entregues às famílias de forma impressa. O momento exigiu, portanto, que esses profissionais se reinventassem diante das adversidades que se descortinaram à sua frente.

Entretanto, não foram somente os professores que tiveram que reinventar a sua prática. Esse contexto que se apresentou à educação em 2020 trouxe consigo a impossibilidade de realizar formações com os professores de forma presencial, como era realizado até então. Porém, mais do que nunca, era necessário promover momentos de aprendizado, em que o professor-aluno pudesse ressignificar as suas práticas, pois, segundo José Moran (2007), "só podemos ensinar até onde conseguimos aprender." Essa nova realidade também desacomodou a Coordenação de Projetos, Tecnologias e Inovação da Secretaria de Educa

...memórias formativas são escritas constantemente...

Foto: Pixabay.com / encurtador.com.br/joyF7

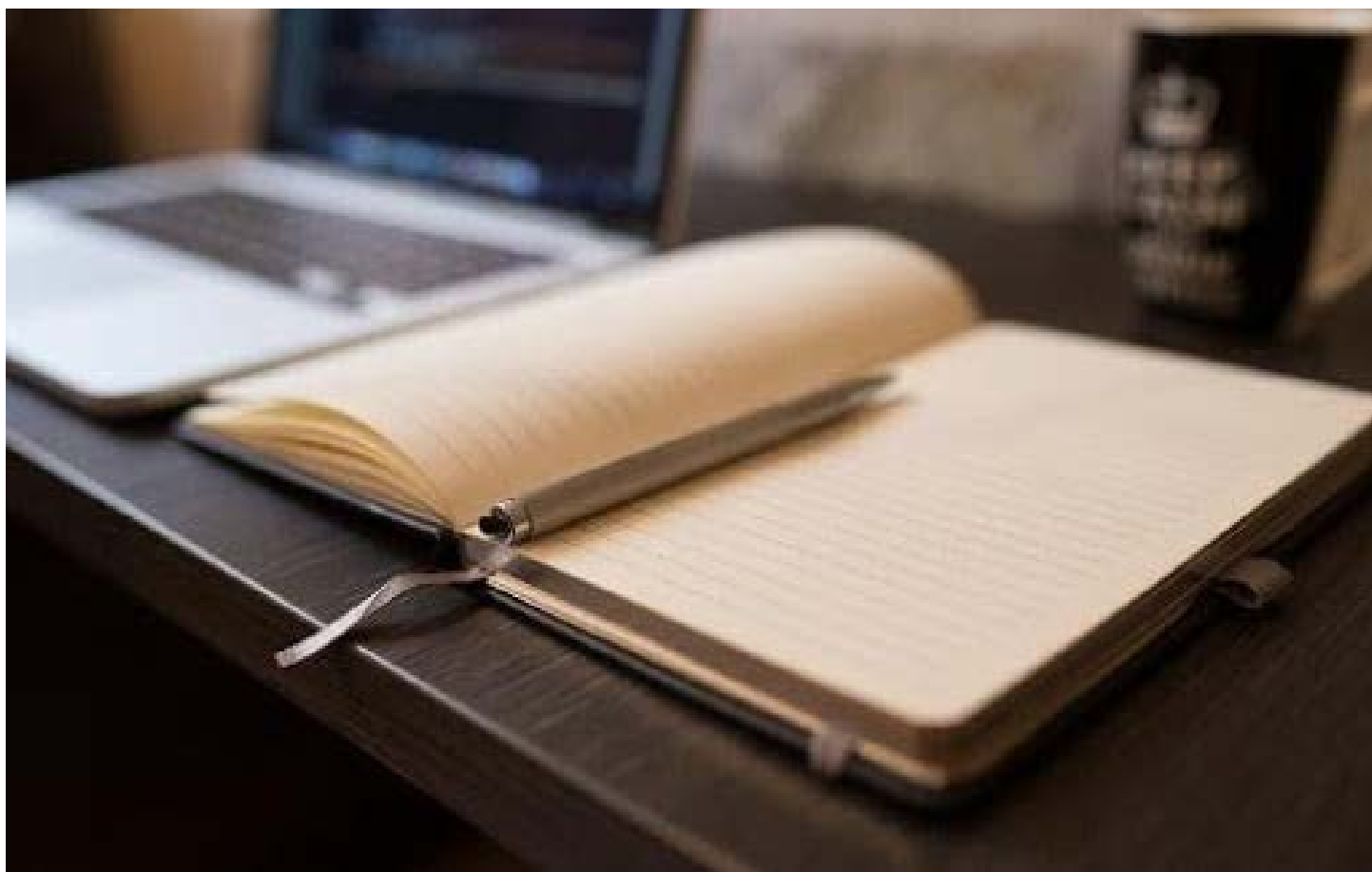




Foto: Thiago Delaíde

com projetos voltados à iniciação científica e ao uso das tecnologias em sala de aula, por exemplo, igualmente não estava preparada para os desafios do ensino remoto. Mas abraçou a oportunidade de aprender a aprender para aprender a ensinar, pois, de acordo com Moran (2007), "(...) se temos tantas dificuldades em ensinar, entre outras coisas, é porque aprendemos pouco até agora." É nessa perspectiva de considerar o professor como um eterno aprendiz, que as narrativas acerca das formações continuadas em Esteio vão se construindo, seja em um ambiente presencial, virtual ou híbrido. Para João Kupka, assessor responsável por ministrar inúmeras formações, tanto na modalidade presencial, quanto na virtual, "o sentido da formação virtual, nesse momento,

é o de mostrar para os participantes as possibilidades de realização no ensino remoto, com qualidade no processo." Com relação às formações virtuais, complementa: "Vejo as pessoas mais à vontade para se colocarem e para interagirem com o conteúdo. Penso que o fato de podermos organizar o tempo sem a necessidade de sair de casa contribui para isso." Para ele, "existem temáticas mais vivenciais e experimentais, que precisam de interação com o material (robótica, por exemplo), em que vejo dificuldades em realizar no modo virtual. Se for um momento mais dialogado, expositivo ou de interação com ferramentas digitais, o não presencial é muito mais recomendado." O formador afirma ainda que "a experiência tem sido gratificante e tem demonstrado que as pessoas se sentem mais à vontade quando

participam das formações digitais, tanto participantes quanto ministrantes. Penso que esse formato veio para ficar, pois dispensa menos energia das pessoas que se envolvem e, se bem aproveitado por todos, tem impacto positivo.”

Já para Norberto Santos, professor de história da rede municipal há 4 anos, “para além de ser um direito, a formação continuada garante atualização e oportunidade de trocas significativas de experiência e práticas, que impactam diretamente no fazer docente.” O docente afirma ainda que “a formação virtual permite acesso de qualquer lugar e evita a questão do deslocamento. Isso permite maior participação, uma vez que não há esse obstáculo.” Quanto às formações ocorridas nessa modalidade, Norberto traz à tona várias vantagens, além da comodidade do professor-aluno poder participar de casa, sem perder a interação ativa, através de dinâmicas diversas, bem como da utilização de chat para trocas de experiências e informações, tanto com o formador, quanto com os demais participantes do grupo em tempo real. Ele destaca ainda que “é possível acessar professores e palestrantes de regiões mais distantes que não poderiam ministrar eventos presenciais sem um custo muito maior.”

No que se refere às formações presenciais, o professor afirma que “é mais familiar (...). Sinto que há uma perda da espontaneidade nas interações (virtuais). (...) Há pouca ocorrência de interrupções nas falas dos ministrantes para esclarecimento de dúvidas ou colocações, atitude muito comum em formações presenciais.” Norberto relata que “na rede municipal de Esteio já estávamos em uma caminhada de inserção de recursos e práticas com a utilização

de Tic’s, mas com o ensino remoto precisamos dar passos bem mais largos. Uma boa parte dessas ferramentas apresentadas nas formações eu já utilizava de forma esporádica em minhas aulas, mas as formações me permitiram visitar e pensar usos possíveis para esse momento de ensino remoto.”

As revisitações das formações presenciais, ocorridas até 2019, bem como a vivência atual das formações virtuais, trazidas através do olhar do formador João Kupka e do professor Norberto Santos, auxiliam na elaboração de narrativas importantes, que contribuem para a formação identitária desse grupo de profissionais envolvidos nas formações docentes de 2019 e 2020. Através delas, memórias formativas são escritas constantemente nas recordações desses sujeitos, que precisam ensinar muito além de conteúdos isolados, mas, acima de tudo, que aprender pode ser prazeroso e divertido, e que o virtual também pode ser significativamente encantador e emocionante, dependendo da janela pela qual se queira olhar.

...e que o virtual também pode ser significativamente encantador e emocionante, dependendo da janela pela qual se queira olhar.

Aprender faz parte da vida de todos nós, seres eternamente em formação, e quando se aprende de forma coletiva e colaborativa, esse aprendizado ganha uma conotação humana e social, capaz de gerar lembranças importantes em nossas trajetórias profissionais e pessoais, afinal, conforme Aleida Assmann (2011, p. 34), “(...) a lembrança não está guardada em um repositório seguro, e sim sujeita a um processo de transformação.”

As formações continuadas para professores devem ocorrer de forma frequente e com acompanhamento constante, a fim de observar seus reflexos na atuação do professor, além de subsidiá-lo quanto a possi-

...para alcançar os alunos, é preciso que o próprio professor se reconheça como um eterno aluno...

bilidades metodológicas que revertam no aprendizado qualificado dos alunos. Entretanto, para alcançar os alunos, é preciso que o próprio professor se reconheça como um eterno aluno, disposto a, a partir da ampliação da sua visão de mundo, proporcionar aos seus alunos a abertura de novas janelas rumo ao universo do conhecimento.

Aos formadores, por sua vez, é necessário ter a firmeza de aportes teóricos capazes de subsidiar o conhecimento de forma consistente, com a sensibilidade do olhar pedagógico, permitindo-se também encantar-se com o aprender constante e, principalmente, com o vivenciar a mediação da aprendizagem para quem ensina.

Definitivamente, 2020 está escrevendo inúmeras narrativas, muitas não tão boas quanto deveriam, diante da pandemia que abalou o mundo, mas há outras, estas que se referem à capacidade de transformação do ser humano, que merecem ser contadas, recontadas, refletidas e reescritas nas páginas da vida. O professor, um eterno aprendiz, certamente deixará, das histórias elaboradas e vividas em 2020, o legado da reinvenção, companheira tão cotidiana, que ganhou ainda mais proximidade, mostrando que a criatividade, aliada ao profissionalismo e à empatia, são capazes de transformar o mundo, pelo menos, mundo de alguém. Yuval Harari, ao afirmar que "O Homo Sapiens é um animal contador de histórias, que pensa em narrativas e não em números

ou gráficos, e acredita que o próprio universo funciona como uma narrativa, repleta de heróis e vilões, conflitos e soluções, clímaxes e finais felizes." (p. 331), nos proporciona refletir sobre as narrativas de vida que escrevemos, enquanto seres sociais, dentro da necessidade que temos de contar, recontar, apagar e escrever novamente, constantemente, as nossas histórias. E sobre 2020 teremos muito a contar, recordar e esquecer.

REFERÊNCIAS:

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

MORAN, José. *A escola se transforma mais lentamente do que desejamos e em ritmos diferentes*. Entrevista concedida ao Portal Geekie. 2019. Disponível em <<https://www.geekie.com.br/blog/entrevista-jose-moran-escola-inovadora/>> Acesso em 20 de julho de 2020.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas: Papirus, 2007.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: LPM, 2012.



Autora:

CRISTIANE GOMES é Mestranda em Memória Social e Bens Culturais na Universidade La Salle, tendo concluído Especialização em Língua, Literatura e Novas Mídias pela ULBRA e Graduação em Letras - Português pela UNISINOS. Atualmente atua como Coordenadora de Projetos, Tecnologias e Inovação na Secretaria Municipal de Educação de Esteio.





Foto: Keith Ferraz Morata

A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Desde 11 março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia, disseminação de doença altamente contagiosa em escala global, proveniente do novo Coronavírus, conhecido como SARS-CoV2, causa a doença Covid-19 (Corona Virus Disease), o mundo todo teve que se reinventar.

No início parecia distante, proveniente de outro continente, de outra cultura, causou incertezas, dúvidas e descrenças, afinal, não sabíamos com o que estávamos lidando, mas rapidamente a ciência e a realidade deram a resposta e veio o isolamento.



Foto: Keith Ferraz Morata

Com o isolamento da população, além de outras medidas preventivas como o uso do álcool em gel 70%, uso de máscara e distanciamento entre os indivíduos, em uma tentativa de frear o vírus e a velocidade alarmante de sua propagação, houve a necessidade das pessoas e instituições criarem novos meios de funcionamento.

As escolas passaram a ter suas aulas remotamente, sem a presença física dos professores, bem como os trabalhos e pesquisas a se-

rem realizados em casa e entregues para a correção. Isso acelerou o processo, que já existia, de videoaulas. As tarefas, atividades, provas, reuniões, passaram a serem virtuais. Aulas online, reuniões em aplicativos como o "zoom.com" tiveram fundamental importância para que as aulas continuassem.

Segundo dados do Instituto DataSenado, considerando os quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, 35% (19,5 milhões) tiveram as

aulas suspensas devido à pandemia do covid-19, enquanto que 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas. Dado interessante que evidencia a enorme quantidade de estudantes sem aulas durante a pandemia. Outro dado alarmante é que na rede pública, 26% dos alunos que estão tendo aulas online não possuem acesso à internet.

O Instituto DataSenado, em pesquisa, também mostra a diferença entre a educação na rede pública e na rede privada no país, no tocante ao acesso dos alunos à internet. Enquanto nos lares cujos estudantes que estão tendo aulas remotas, da rede pública, 26% não possuem internet, sendo que a rede privada, o percentual cai para 4%. Também se constatou que para o acesso aos materiais de estudo, o celular (64%) e o computador (24%) são os equipamentos mais utilizados.

A pandemia tem mostrado a desigualdade no Brasil em relação ao acesso à educação e às tecnologias dentre as camadas sociais. É um sinal de alerta para as autoridades investirem em avanços para que todos tenhamos as mesmas oportunidades, efetivando o direito à educação e proporcionando mais dignidade da pessoa humana, como prevê nossa Constituição Federal.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Art. 53 preconiza o direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, sendo que em seu inciso V garante o acesso à escola pública e gratuita. Logo, não se pode conceber esta enorme diferença do padrão de acesso, mesmo em tempos de pan-

demia.

O mesmo Instituto questionou os pais de alunos de escolas públicas e particulares que tiveram aulas remotas e revelou que na opinião de 63% dos pais, a qualidade do ensino diminuiu. E 75% dos pais cujos filhos tiveram aulas remotas

nos últimos 30 dias preferem que as aulas voltem a ser presenciais somente após o término da pandemia. Ou seja, mesmo com a opinião de que o ensino diminuiu, os pais têm a consciência de que o ensino presencial poderia acabar aumentando os casos de contaminação e mais propagação do vírus.

Durante a pandemia, o grande desafio para os alunos com acesso à internet é

aprender a gerenciar o tempo de estudos de casa e ter disciplina para estudar no modelo EaD, acoplado ao stress em virtude com confinamento, longe dos amigos e professores e vivendo no contexto de uma pandemia internacional. Já para os professores, há a necessidade de adaptação das costumeiras aulas presenciais para aulas virtuais, às pressas e muitas vezes sem o prévio treinamento pedagógico e tecnológico, e sem os equipamentos necessários, meio no improviso. Isso porque não se imaginava que seria necessária uma mudança tão rápida e de emergência, quase de maneira obrigatória, dada a expansão da Covid-19.

Salienta-se que o Direito à Educação é um Direito Constitucional, caracterizado como um Direito Social, de segunda geração, uma obrigação de fazer do Estado, como prevê o Art. 6º da Constituição Fe-

A pandemia tem mostrado a desigualdade no Brasil em relação ao acesso à educação e às tecnologias dentre as camadas sociais.

deral, que são direitos sociais: a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados. Também no Art. 205, que estabelece que: a educação, direito

O Direito à Educação é um Direito Constitucional, caracterizado como um Direito Social.

de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Outro dado relevante, do Instituto DataFolha é que o percentual de alunos sem motivação para estudar saiu de 46%, em maio, e chegou a 54%, em setembro, um aumento considerável, sendo que a dificuldade em se organizar para estudar em casa também aumentou, de 58% para 68%, no mesmo período.

A falta de motivação por parte dos alunos pode levar a outro problema, que o Brasil luta desde muito antes da pandemia, a evasão escolar. Sem ânimo e entusiasmo, alunos podem deixar de estudar, aumentando os índices de abandono da escola, o que pode acarretar reflexos no estudante, em sua família e em toda a sociedade, aumentando ainda mais a desigualdade

social. Surge então mais um desafio, atrair novamente os estudantes para os bancos escolares.

A pandemia acabou revelando carências, seja de acesso à educação, seja de acesso às tecnologias pelas camadas mais humildes da sociedade, seja pelo despreparo dos profissionais frente ao desafio das aulas online que foram firmados. Assim, a escola não será mais a mesma, ela vai se reinventar, suprir lacunas, investir em preparo, tanto intelectual quando tecnológico. É preciso evoluir, esta é uma lição ensinada e esperamos que aprendida nestes tempos difíceis.

REFERÊNCIAS:

DATAFOLHA. Disponível em: datafolha.folha.uol.com.br. Acesso em: 17 fev. 2021.

BRASIL. *Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. *Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 17 dez. 2021.



Autora:

Keith Ferraz Morata - é mestranda em Memória Social e Bens Culturais na Universidade Lasalle. Pós-Graduada em Direito do Trabalho pela Universidade Dom Bosco. Oficial da Força Aérea Brasileira, servindo como Assessora Jurídica da Base Aérea de Canoas - RS.





Sala de aula vazia em tempos de remotização do ensino
Fonte: Jonatan Brönstrup/Facebook - Prefeito de Teutônia, 2020.
Foto: Édson Luís Schaefer.

A DOCÊNCIA EM MOVIMENTO NA EMEF PROFESSOR GUILHERME SOMMER

O deslocamento para a docência

Em busca de estabilidade profissional, é comum que muitos profissionais optem pela realização de concursos públicos para consolidar suas carreiras. No magistério, a necessidade de profissionais nas diferentes redes de ensino para atender a demanda de escolarização básica e, por consequência, a oferta de vagas garantidas em todos os territórios, torna-se um atrativo para os educadores desafiarem-se a prestar concursos, muitas vezes, longe de sua terra natal.

Nesse contexto, Teutônia, um pequeno município da região central do Rio Grande do Sul, desponta como boa oportunidade de emprego para muitos docentes e demais profissionais da educação, dadas as suas características sócio-econômicas e geográficas, com localiza-

ção privilegiada, relativamente próxima da região metropolitana e da Serra Gaúcha. Além disso, a boa remuneração do profissional, que já paga mais que o piso para 25h semanais, e a existência de um Plano de Carreira do Magistério consolidado desde a década de 90 atraem candidatos do estado inteiro.

Considerando essa situação, podemos refletir a partir do que nos esclarece o sociólogo Michel Maffesoli (2001) com a ideia de que a necessidade de movimento, de deslocamento, de circulação, do desejo pelo outro é própria do ser humano. Fim do período de sedentarismo, domesticação e submissão da Modernidade, essa característica ressurge com muita latência no homem pós-moderno: "todo mundo pratica a errância cotidianamente." (MAFFESOLI, 2001, p. 29) A mobilidade faz parte do mundo contemporâneo e se expressa em diferentes contextos, desde as migrações diárias, como no caso do trabalho do indivíduo, até as mobilidades culturais, como no caso de imigrantes, por exemplo.

São essas migrações diárias que trazem mais da metade do corpo docente à rotina pedagógica da EMEF Professor Guilherme Sommer, uma das escolas da rede municipal de Teutônia RS. Em 2020, dos 33 educadores efetivos da instituição, metade vinha de municípios vizinhos. Da metade residente, um terço deles deslocou sua vida para Teutônia após a nomeação na rede de ensino. Ou seja, para o exercício de sua profissão, tanto no plano intelectual com as permanentes formações continuadas e o constante aprimoramento dos saberes docentes quanto no plano espacial, o professor é um ser em constante

movimento.

Rachel Bouvet (2006 apud Bernd, 2010), em seus estudos sobre errância e nomadismo, define o deslocamento para além do percurso para um território concreto, mas "um deslocamento que se faz através de signos efêmeros, de vestígios e de rastros que se apagam facilmente" (BERND, 2010, p. 303). Extrapolando essa noção de deslocamento de território espacial, encontramos a mobilidade no nível intelectual, quando os deslocamentos dão-se no "plano do imaginário e do pensamento filosófico" (BERND, 2010, p. 310).

Em se tratando de educação, esclarece Freire (2001, p. 259), que essa mobilidade intelectual - neste contexto entendida como o movimento constante pelo saber - é inerente à prática docente, porque a "responsabilidade ética, política e profissional" do professor implica o dever de se capacitar continuamente enquanto exercer seu ofício:

Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática. (FREIRE, 2001, p. 259-260)

Até o presente momento, nada trouxe movimento tão repentino no status quo escolar do que as mudanças causadas pela deflagração da pandemia de coronavírus. Diante dessa crise de saúde mundial, as políticas e ações tomadas no âmbito municipal para seu enfrentamento

**"todo mundo
pratica
a errância
cotidianamente."
(MAFFESOLI,
2001).**

mudaram abruptamente o funcionamento da EMEF Professor Guilherme Sommer, que passou a oferecer o ensino de forma remota e, com isso, desafiou seus professores a modificarem suas estratégias e metodologias de ensino e aprendizagem bem como as formas de se relacionarem com seus estudantes.

A docência em deslocamento

Não há dúvidas de que dois mil e vinte foi o ano mais improvável e desafiador da contemporaneidade, evidenciando toda fragilidade humana diante do inimigo invisível mais temido do século XXI: o coronavírus. A prerrogativa o futuro nunca foi tão incerto nunca pareceu fazer tanto sentido como na avassaladora disseminação da Covid-19 que, cerca de três meses após seu surgimento, isolou o mundo inteiro em quarentena e desencadeou a pandemia mais assustadora dos últimos cem anos. Desde 11 de março de 2020, o mundo sofre com essa pandemia que, muito além de questões sanitárias, escancara crises sociais, econômicas e políticas à medida que o número de vítimas aumenta.

Devido à rápida disseminação do vírus e à dificuldade para o tratamento da doença, o distanciamento social apareceu como uma das primeiras medidas eficazes de diminuição da contaminação pela Covid-19 a fim de evitar um colapso nos sistemas de saúde. Assim, governantes de todas as esferas de poder viram-se compelidos a adotar essa medida de contenção de contágio acelerado, o que acarretou na suspensão das atividades presenciais nas instituições de ensino.

Em nosso estado, as aulas foram suspensas a partir de 19 de março e tiveram seu retorno autorizado, em grupos reduzidos, escalonados e de presença facultativa, a partir do final de setembro do mesmo ano, conforme os sistemas e redes de ensino conseguissem se organizar e cumprir os protocolos sanitários exigidos. Com menos de um mês de aula, às pressas e com poucas orientações dos sistemas de ensino, a EMEF Professor Guilherme Sommer viu-se na obrigação de transformar o ensino puramente presencial em remoto, implicando em uma reorganização tanto das práticas pedagógicas quanto das rotinas familiares dos estudantes.

O ensino puramente presencial foi transformado em remoto às pressas.

Segundo Pontes e Rostas (2020, p. 282), "a educação, já fragilizada pela ausência de políticas públicas que a fortaleça, apresenta duras perdas nesse processo de remotização do ensino". Enquanto professores precisaram se apropriar de sistemas de ensino e aprendizagem diferentes dos quais foram capacitados, muitas vezes, vinculados a ferramentas tecnológicas que não dominavam, e verificavam seus horários de trabalho extrapolarem a jornada de trabalho prevista no contrato;

as famílias, pertencentes a uma multiplicidade de classes e condições sociais, precisaram cumprir sua rotina de trabalho diária que, na maioria das vezes, é semelhante ao período anterior à pandemia, e prover condições tecnológicas e intelectuais para dar suporte ao estudante.

Durante a situação de distanciamento social, coube aos profes-

O ensino puramente presencial foi transformado em remoto às pressas.



Professora entregando atividades impressas para o ensino remoto
Fonte: Jonatan Brönstrup/Facebook - Prefeito de Teutônia, 2020.
Foto: Édson Luís Schaeffer.

sores desempenhar seus ofícios de docência através do teletrabalho, implicando, conforme o Plano de Ação da instituição (2020), desenvolver planos de atividades quinzenais para entregar às famílias, dar retorno das atividades corrigidas, "realizar avaliações socioemocionais, diagnósticas e formativas junto a suas turmas, a fim de alinhar seus planejamentos" (p. 5), participar de reuniões, fazer cursos de formações continuadas em plataformas digitais e estar sempre à disposição da equipe diretiva.

Conforme Pontes e Rostas (2020, p. 279), o ensino remoto tratou-se de um desafio ao profissional da educação:

O docente ganhou novas atribuições que ultrapassam o domínio de conteúdos e estratégias pedagógicas envolvendo o processo de ensino e de aprendizagem. A ele, em tempo recorde, foi dada a atribuição de inteirar-se a ferramentas

online e adequar-se ao ensino remoto, dando-lhe, inclusive, a responsabilidade de despertar o interesse dos estudantes, mesmo diante de todas as incertezas no âmbito das questões sanitárias.

Se, por um lado, houve uma sobrecarga de novas competências no ofício de ensinar sobre as quais muitos professores não estavam preparados, por outro lado, a remotização do ensino, seja através de ambientes virtuais ou em materiais impressos para estudos, reafirmou o papel primordial (e, ousado dizer, insubstituível) do professor na sociedade. A categoria, que tantas vezes pareceu sofrer o desprestígio social, gozou do reconhecimento tanto mais as famílias precisaram se envolver nos processos e nas rotinas de aprendizagens.

A partir de setembro, com o retorno presencial gradativo de algumas turmas, o ensino passou a ser oferecido no formato híbrido

- presencialmente, para quem optou pelo regresso diário à escola, e remoto - com atividades impressas entregues quinzenalmente - para a maioria dos alunos que permaneceram realizando os estudos de casa. Os professores, cumprindo integralmente sua jornada de trabalho presencial na instituição de ensino, tiveram de encontrar estratégias para atender, com igual qualidade e comprometimento, os alunos que não retornaram, muitas vezes dedicando seu tempo de lazer e descanso para realizar esses atendimentos.

A pandemia como propulsora do movimento

Se, no plano do deslocamento espacial, os professores da EMEF Professor Guilherme Sommer realizaram muito menos viagens que o planejado para um ano letivo convencional, no plano intelectual, a

docência permanece em efervescente processo de deslocamentos. As práticas pedagógicas, interações e mediações exitosas no ensino presencial não puderam simplesmente ser transpostas para o modo virtual ou a distância, o professor precisou experimentar outras formas de exercer a docência longe de seus alunos. Pese a isso que, em se tratando de uma escola cuja maioria da clientela pertence às camadas mais populares da sociedade, os ambientes virtuais não foram recursos acessíveis e possíveis para o sucesso do processo de ensino e de aprendizagem daquela comunidade. A despeito de todo acúmulo de tarefas que já sofria antes, o professor, mais do que qualquer outro profissional da Educação, precisou se reinventar.

Nóvoa (1992, [sp], grifos do autor) afirma que "as situações que os professores são obrigados a enfrentar (e resolver) apresentam características únicas, exigindo

Aluno estudando Matemática em ambiente virtual
Fonte: Acervo da EMEF Professor Guilherme Sommer, 2020.



A impermanência, a fluidez, o movimento sempre fizeram parte da prática docente.

portanto respostas únicas". Nesse rotineiro processo de experimentação de novos modos de trabalho e análise reflexiva desses ensaios, as práticas pedagógicas vão se articulando. Ainda é cedo para saber qual o (novo, espera-se) formato da EMEF Professor Guilherme Sommer quando a pandemia acabar, mas, pelas experiências observadas neste período de remotização do ensino, é fato que: as aulas valer-se-ão de ambientes virtuais tão logo isso seja acessível à maioria, o aluno realmente será o sujeito do processo de aprendizagem com mais uso de metodologias ativas e pesquisa nos exercícios de docência, os conhecimentos e as vivências pedagógicas transcenderão o território escolar e o estreitamento dos vínculos pessoais estará intimamente ligado às interações em mídias sociais.

Em educação, "a formação não se faz antes da mudança, faz-se durante, produz-se nesse esforço de inovação e de procura dos melhores percursos para a transformação da escola" (ibidem). A pandemia evidenciou uma necessidade de mudança mais radical e dinâmica na estrutura do ensino, mas a impermanência, a fluidez, o movimento de (re)construção da práxis pedagógica sempre fez parte da escola. A docência está sempre em movimento.

REFERÊNCIAS:

BERND, Zilá (org.) *Nomadismo*. In: Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 301-315

FREIRE, Paulo. *Carta de Paulo Freire aos Professores*. Revista Estudos Avançados. São Paulo, 2001, v. 15, n 42, maio/ago. p. 259-268.

MAFFESOLI, Michel. *A pulsão da errância*. In: *Sobre o nomadismo; vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 19-34.

NÓVOA, António (coord.) *Formação de Professores e Profissão Docente*. In: *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 13-33. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>. Acesso em 23 de janeiro de 2021.

PONTES, Fernanda R.; ROSTAS, Márcia H. S. G. *Precarização do trabalho docente e adoecimento: COVID-19 e as transformações no mundo do trabalho, um recorte investigativo*. Revista Thema, v. 18, Ed. Especial COVID-19, Jul. 2020, p. 278-300. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1923/1597>. Acesso em 23 de setembro de 2020.



Autora:

SABRINA HENZ - Professora de Anos Iniciais da rede municipal de Teutônia - RS, graduada em Letras pela Univates - RS e Pedagogia pela Universidade Castelo Branco - RJ. Mestranda em Memória Social e Bens Culturais pela Unilasalle Canoas - RS.





Fonte: <https://url.gratis/07hPV>

CONSTRUINDO NOVAS MEMÓRIAS

A construção de memórias envolve diversas situações, como realizar trocas entre as pessoas e compartilhar culturas e hábitos. Isso se intensifica quando pensamos na terceira idade, uma vez que se trata de pessoas que já vivenciaram muitas experiências e têm repertório suficiente para contar o que já viveram. Com essa intenção, relatarei aqui um trabalho voluntário realizado na UNATI - Universidade Aberta da Terceira Idade da Unilasalle, descrevendo histórias de autores e enfatizando o estudo feito a partir da biografia de Clarice Lispector e sua mobilidade na vida pessoal por ter residido em muitos países. Essa biografia serviu de inspiração para os idosos falarem de si.

Em se tratando de terceira ida-

de, Ecléa Bosi em sua obra *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* (1994, p. XVIII) - indaga "Que é ser velho? pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem". Em consonância a essa ideia, para trazer aos idosos o sentimento de continuar pertencendo à sociedade, a UNATI desenvolve atividades voltadas para os idosos. Uma das atividades é a Oficina Literaturando a Vida, idealizada por mim, mestranda do PPG de Memória Social e Bens Culturais e é meu projeto de mestrado. Tentando remontar as aulas da oficina da UNATI, vamos analisar como as citações de alguns autores, com suas experiências de vida, podem colaborar conosco durante o isolamento.

Começando por Cora Coralina,



Que minha solidão me sirva de
companhia.
que eu tenha a coragem de me
enfrentar.
que eu saiba ficar com o nada
e mesmo assim me sentir
como se estivesse plena de tudo.

Clarice Lispector

 PENSADOR

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/Mjg5MzQ4/>
Trecho adaptado do livro *Um Sopro de Vida* (1974)

uma poetisa e contista brasileira. Começou a escrever poemas e contos quando tinha 14 anos, mas teve seu primeiro livro publicado quando tinha 75 anos e tornou-se uma das vozes femininas mais relevantes da literatura nacional.

Cora Coralina nasceu em Goiânia, GO, em 1889. Coursou apenas até a terceira série do curso primário, foi doceira e viveu por muito tempo de sua produção de doces sustentando os quatro filhos. Nunca parou de escrever, produzindo poemas ligados à sua história e aos ambientes em que fora criada. Se dizia mais doceira que escritora (FRAZÃO, 2020).

A partir do estudo da biografia de Cora Coralina, na Oficina, chegamos à conclusão de que nós não podemos mudar a situação ao nosso redor, mas podemos decidir qual será a nossa reação diante dela. Porque cabe a nós decidirmos como reagir.

Estamos na era digital WhatsApp, Facebook, Google, Youtube, podemos interagir com amigos sem sair

de casa e sem ter muito conhecimento sobre internet, são aplicativos fáceis de acessar, de trocar informações e de fazer chamadas de vídeo para reuniões em grupo. São muitas as opções para driblar a monotonia do afastamento social e a construção de memórias. Lembrando que o distanciamento físico é essencial para preservar a saúde, mas o distanciamento afetivo, não!

Outra autora estudada nas aulas em nossa oficina foi Clarice Lispector, nascida na Ucrânia, em uma família judaica que se refugiou no Brasil, fugindo da Guerra Civil do seu país, em 1922. Ela cresceu no Brasil, com residência em vários lugares: Maceió, Recife, Rio de Janeiro. Coursou Direito, se envolveu no meio literário e foi aclamada uma das mais importantes escritoras e contistas brasileiras, trabalhando também como tradutora. Casou-se com o colega de faculdade, diplomata de carreira, Maury Gurgel Valente, com quem viajou pelo mundo.

Em uma entrevista ao caderno Cultura do Jornal Expresso (online), o filho de Clarice Lispector, Paulo Gurgel Valente, responde à pergunta: "O biógrafo Benjamin Moser diz que as origens ocupavam nela um lugar mais complexo do que se pensa. Concorde? Nos anos 60, os meus pais tentaram uma reconciliação e fomos para a Polônia a fim de nos reunirmos com o meu pai. Ela escreveu uma crônica que falava da sensação de

**“Que é ser velho?
pergunta você.
E responde: em nossa
sociedade, ser velho é
lutar para continuar
sendo homem”.**

estar sozinha na varanda da casa em Varsóvia. Dizia algo como: "Uma grande floresta negra apontava-me o caminho da Ucrânia. Senti o apelo. Mas eu pertencia ao Brasil." É como se não quisesse aproximar-se da sua origem, da origem de uma família de refugiados que fugira dos pogroms. Ela pertencia ao Brasil e ao misterioso mundo interno das pessoas." Essa ideia aproxima-se do que afirma Stuart Hall (2013, p. 30):

Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e "autenticidade", pois há sempre algo no meio (between). Não podemos retornar a uma unidade passada, só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando esse é trazido para dentro da linguagem e de lá partimos para uma (interminável) viagem.

HALL ainda destaca que na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Junto com os elos que os ligam a uma origem específica e que se compartilha com outros da mesma origem. No caso de Clarice Lispector, a Ucrânia. Stuart Hall é autor do livro *Da diáspora - identidades e mediações* (2018), em que tece comentários sobre a questão do multiculturalismo e nos permite estudar temáticas identitárias.

**Quando
toda essa loucura
irá passar?
Perguntam-nos
diariamente,
e a resposta...
Bom... Não temos
uma resposta.
Resta-nos crer
que um dia
tudo terá fim
e agradecer
por ter chegado
até aqui.**

A primeira obra, *Perto do Coração Selvagem* (1944), de Clarice Lispector, teve boas críticas e, por ela, recebeu o Prêmio Graça Aranha. Em 1959, ela se separou do marido e retornou ao Rio de Janeiro, acompanhada dos dois filhos. Em 1967 Clarice sofreu várias queimaduras no corpo e na mão direita porque dormiu com um cigarro aceso na mão. Passou por várias cirurgias e viveu isolada, sempre escrevendo.

A última publicação em vida foi em 1977, *A Hora da Estrela*, conta

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MTYyMA/>



**Vale a pena viver
- nem que seja
para dizer que
não vale a pena...**

Temos que achar na dor que essa pandemia a todos está submetendo, uma chance de aprendizado, afinal a vida é muito frágil e temos que vivê-la com intensidade.

a história de Macabea, uma moça do interior, que se sente muito feia e inferior a todos e está em busca de sobreviver na cidade grande. Clarice Lispector faleceu no Rio de Janeiro, no dia 9 de dezembro de 1977, em decorrência de um câncer de ovário, um dia antes de completar 57 anos. O filho Paulo Gurgel Valente declarou ao jornal Expresso (online), que a caminho do hospital com uma amiga ela disse: "Vamos fingir que estamos a caminho do Aeroporto indo embarcar para a Europa." (LEIDERFARB, 2016)

Trecho adaptado do livro Um Sopro de Vida (1974)

A autora trouxe-nos importante forma de encarar a vida, em suas falas, ela menciona o aprender a ficar só e aproveitarmos a solidão. Pensamos atualmente a respeito da pandemia: Quando toda essa loucura irá passar? Perguntamo-nos diariamente, e a resposta... Bom... Não temos uma resposta. Resta-nos crer que um dia tudo terá fim e agradecer por ter chegado até aqui.

Sempre é bom lembrar Mário Quintana, esse gaúcho, nascido na cidade de Alegrete em 1906, que foi poeta, tradutor e jornalista. Ele foi considerado um dos maio-

res poetas do século XX. Quintana não se casou, nem teve filhos. Foi hóspede do Hotel Majestic, no centro histórico de Porto Alegre, de 1968 até 1980, percorrendo alguns lugares no cotidiano na cidade de Porto Alegre. Desempregado, sem dinheiro, foi despejado e alojado no Hotel Royal, no quarto de propriedade do ex-jogador Paulo Roberto Falcão, que custeou a hospedagem do poeta. Os porto-alegrenses costumavam vê-lo sentado na praça da Alfândega quase todos os dias, eu mesma o vi várias vezes. Mário de Miranda Quintana faleceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 5 de maio de 1994. De Alegrete a Porto Alegre, Quintana fez um caminho de muita poesia.

Temos nos privado de momentos valiosos, como estar com a família, abraçar filhos, netos, amigos, comemorar aniversários, casamentos.... Descobrimos novos prazeres em casa mesmo, arrumar aquele quarto, pintar aquele canto, tirar da gaveta velhas fotos, assistir àqueles filmes que gostamos, mexer no jardim....

Mas embora estejamos ansiosos para tudo voltar a ser como era antes, posso assegurar que isso não será mais possível. Quando tudo isso passar, e vai passar, nós não seremos mais os mesmos. Nós perdemos muita coisa, mas ganhamos muita experiência. No retorno às oficinas da UNATI, ao estudarmos as biografias, os idosos vão poder compartilhar as novas memórias construídas durante o isolamento. Temos que achar na dor que essa pandemia a todos está submetendo, uma chance de aprendizado, afinal, a vida é muito frágil e temos que vivê-la com intensidade. Aproveitar cada momento, por mais doloroso que seja. A pandemia ainda segue, outras lições ainda iremos aprender, talvez mais amargas do que as que vivemos até agora. Um dia seremos motivo de inspiração e conforto!

REFERÊNCIAS:

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança dos velhos*. Companhia das letras. São Paulo. 3 Ed.1994.

FRAZÃO, Dilva. *Cora Coralina: Poetisa brasileira*. 2020 https://www.ebiografia.com/cora_coralina/. Acesso em 22/12/2020

HALL, Sturt. *Da diáspora - Identidades e mediações*. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2013.

LEIDERFARB, Luciana. *Paulo Gurgel Valente: Ela pertencia ao Brasil*. 2016 <https://url.gratis/WrZVc> Acesso em 24/12/2020.

"PENSADOR". Frases e pensamen-

tos. <https://www.pensador.com/>
Fotos: "PENSADOR". Frases e pensamentos. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTUxMjA1/>. Acesso em: 12/12/2021
Minibiografia: "e biografia" Disponível em: <https://www.ebiografia.com/> Acesso em 12/12/2021



Autora:

MAGALI REGINA BIFFI - é graduada em Letras pela universidade de La Salle (Canoas/RS), Mestranda no PPG de Memória Social e Bens Culturais e professora voluntária na UNATI (Universidade Aberta da Terceira Idade) na Unilasalle.



MNEMOCAST
2ª Temporada



Cidades inteligentes

Fonte: <https://www.rawpixel.com/>

CIDADES INTELIGENTES: MOBILIDADE COMO SOLUÇÃO INTELIGENTE À PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO

O aumento populacional urbano é uma constante. Segundo as Nações Unidas (United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, 2015), nos anos 50 cerca de 30% da população era urbana e atualmente, além do aumento populacional em si, mais de 50% da população reside em áreas urbanas. Segundo dados do IBGE (2017, p.51), no Brasil, 65,4% da população brasileira está localizada em unidades populacionais consideradas muito povoadas, totalizando 811 municípios (14,5%). Enquanto mais de 60% dos municípios possuem até 10 000 habitantes em áreas de ocupação densa, correspondendo a somente 14,0% da população total do Brasil. Ainda, segundo o IBGE (2017, p.61), 76,0% da população brasileira se encontra em muni-

cípios considerados predominantemente urbanos, correspondendo somente a 26,0% do total de municípios. Diante disso, percebe-se o crescimento acelerado dos centros urbanos e a necessidade de organizá-los a fim de evoluírem ordenadamente e com o propósito de atender aos anseios das pessoas que ali vivem. Afinal, a necessidade das pessoas se altera constantemente, conforme a época em que vivem. E se as cidades não evoluírem ordenadamente para atender os centros urbanos superpopulosos, o caos urbano será instalado. Atualmente, a interconexão entre todos prevalece, seja por meios físicos ou digitais. As cidades, portanto, tendem a mudar seu contexto à medida que as necessidades das pessoas se reestruturam.

A aproximação da tecnologia da informação e comunicação, das pessoas e conseqüentemente das cidades, muda o contexto e traça novos caminhos para o desenvolvimento das cidades. Surgem as cidades inteligentes. São cidades visionárias em diferentes dimensões como economia, pessoas, governança, mobilidade, meio ambiente e qualidade de vida, que produzem e recebem dados e que reagem à medida que estes são processados (Giffinger e Gudrun, 2010). O foco deste trabalho, a mobilidade inteligente, é uma área que propõe soluções para a acessibilidade local, nacional e internacional das cidades inteligentes, utilizando recursos da tecnologia da informação e comunicação, inovações e estratégias de segurança (Dewalska-Opitek, 2014). Nesse contexto, pensamos a mobilidade inteligente

A aproximação da tecnologia da informação e comunicação, das pessoas e conseqüentemente das cidades, muda o contexto e traça novos caminhos para o desenvolvimento das cidades.

também como recurso para a preservação do patrimônio edificado, visto que a poluição e grandes níveis de CO₂ produzidos pelos veículos a combustão degradam este patrimônio, pois aumentam o risco de infiltrações, impregnação salina e acúmulo de biomassa sobre as superfícies. Além do mais, a poluição altera as condições climáticas, produz chuva ácida, gera aquecimento global e o aumento da umidade - o que também aumenta o índice de degradação do patrimônio

edificado. A cidade de São Paulo, por exemplo, poderia reduzir em 18% a emissão de gases tóxicos se a bicicleta fosse utilizada como meio de transporte, ao invés do ônibus. Em paralelo, Isso significa uma economia de 13% ou R\$ 34 milhões por ano no SUS - Sistema Único de Saúde com internações por doenças cardiovasculares e diabetes e também um incremento de até R\$ 870 milhões no PIB. (CEBRAP, 2018)

Corroborando com o estudo acima, a análise de impacto feito pela Eindhoven University of Technology (2018) sobre o patrimônio cultural em cidades do patrimônio mundial (*World Heritage Cities ou WHC*) revelou que os fatores externos, como por exemplo, de transporte, condições climáticas e lixo (não) reciclado representam 43,85% no índice de degradação do patrimônio.

Um dos vieses da mobilidade inteligente, reduzir o fluxo de veículos nas vias propondo meios sustentáveis e coletivos de locomoção, repercute diretamente na saúde populacional e na preservação do patrimônio material dada a redução significativa nos índices de polui-

ção que veículos de propulsão humana, ou até elétrica, produzem. Muito importante ressaltar também a questão do espaço físico ocupado pela bicicleta que é muito inferior ao espaço dos veículos automotores. Estes, muitas vezes utilizados muito além da sua capacidade total. Destacamos assim que não é necessária a destruição de nenhum bem material para viabilizar o tráfego das bicicletas. Do contrário, construir mais vias para aumentar o trânsito/fluxo de veículos automotores poderá ocasionar a destruição de bens materiais. As vias já existem e, viabilizá-las para o uso seguro da bicicleta como meio de transporte ao invés do veículo automotor é o caminho.

Algumas cidades que já possuem ações implantadas em prol da mobilidade inteligente merecem menção. São Paulo (São Paulo), por exemplo, ficou em primeiro lugar no Ranking Connected Smart Cities (2020). O

estudo avaliou todos os 673 municípios brasileiros com mais de 50000 habitantes; "A cidade se destacou em mobilidade e acessibilidade devido à diversidade de possibilidades de locomoção. A expansão das linhas do metrô e os planos para a construção de novos ramais nos próximos anos tiveram influência no resultado. Pesou ainda a favor da capital paulista os 400 quilômetros de ciclovias e a variedade de destinos que podem ser acessados pelos aeroportos de Congonhas e Guarulhos." (Agência Brasil, 2020).

A partir de 2014 com a implantação do novo plano diretor,

Poluição advinda do CO2

Fonte: <https://www.rawpixel.com/>

**a mobilidade
inteligente,
é uma área que
propõe soluções
para a acessibilidade
local, nacional e
internacional das
cidades inteligentes,
utilizando recursos da
tecnologia
da informação
e comunicação,
inovações
e estratégias de
segurança.**



melhorou consideravelmente os deslocamentos urbanos, incentivando o ciclismo, desafogando as principais vias urbanas, encurtando as distâncias, criando conexões. (Exame.com, 2020).

A cidade de Salvador (Bahia), através de aplicativos móveis gerencia o trânsito de passageiros do transporte coletivo.

Curitiba merece destaque também na questão do transporte coletivo. Através de um sistema de transporte urbano inteligente, ofe-

percebe-se que a ascensão das cidades inteligentes, mais especificamente da mobilidade inteligente, tende a ser um modelo viável e sustentável para organizar e planejar o crescimento das cidades.

rece facilidades e assim 70 % da população usa um sistema de transporte urbano rápido e efetivo. Além disso, os ônibus antigos são transformados em escolas móveis para educar a população a respeito da sustentabilidade. Já o Ecoelétrico, é um conjunto de carros elétricos que prestam serviços públicos desde 2014 na cidade. Parte da frota é composta por veículos híbridos, que funcionam à base de biocombustível e eletricidade, o que reduz as emissões de CO₂ na atmosfera, contribuindo também para a não degradação do patrimônio edificado, conforme mencionamos acima.



Fonte: Mobilidade

Fonte: <https://www.rawpixel.com/>

Já a cidade de São Gonçalo do Amarante (Ceará), possui o Croatá Laguna EcoPark. É a primeira cidade do mundo voltada para a habitação social. Destaca-se o sistema de compartilhamento de bicicletas e carros, em prol da mobilidade inteligente e redução dos níveis de poluição.

Para (in) concluir este e ao mesmo tempo desencadear novos estudos, percebe-se que a ascensão das cidades inteligentes, mais especificamente da mobilidade inteligente, tende a ser um modelo viável e sustentável para organizar e planejar o crescimento das cidades. Problemas advindos da evolução das cidades podem ser mitigados, ou mesmo resolvidos, se a ciência e a tecnologia fizerem parte desta evolução. O crescimento desorganizado das cidades, os problemas de mobilidade urbana, o alto consumo de matérias primas, e, o foco deste trabalho: a preservação do patrimônio material edificado, por exemplo, podem ser amparados pelo correto e organizado uso dos dados gerados pela própria cidade.

E, diante desta pandemia de nível mundial, as cidades inteligentes, a partir da conectividade, redução das distâncias entre as pessoas, criação de novos espaços virtuais, ampliação dos sistemas de

transporte alternativos individuais (bicicleta, por exemplo) tendem a contribuir, dentre outros fatores acima mencionados, também para redução dos índices avassaladores resultantes da COVID-19 e, economicamente, contribuir para novas possibilidades de negócios e novos modelos de logística.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Agência. *Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa*. 2019. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em 12 de outubro de 2020.

CEBRAP - Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ITAÚ. *O impacto Social do Uso da Bicicleta em São Paulo*. 2018. Disponível em <https://www.mobilize.org.br/midias/pesquisas/impacto-social-do-uso-da-bicicleta-em-sao-paulo.pdf>. Acesso em 16 de Fevereiro de 2021

DEWALSKA-OPITEK, A. (2014). *Smart city concept - The citizens' perspective*. Telematics - Support for Transport, 471, 331-340. doi: 10.1007/978-3-662-45317-9_35.

EINDHOVEN University of Technology. *Impacts of Common Urban Development Factors on Cultural Conservation in World Heritage Cities: An Indicators-Based Analysis*. 2018. Disponível em <https://www.mdpi.com/2071-1050/10/3/853/htm>. Acesso em 17 de Fevereiro de 2021.

EXAME.COM. *São Paulo é a cidade mais inteligente e conectada do Brasil; veja ranking*. 2020. Disponível em <https://exame.com/brasil/sao-paulo-e-a-cidade-mais-inteligente-e-conectada>

-do-brasil-veja-ranking/. Acesso em 16 de Fevereiro de 2021.

GIFFINGER, R.; GUDRUN, H. *Smart cities ranking: an effective instrument for the positioning of the cities?* ACE: Architecture, City and Environment, v. 4, n. 12, p. 7-26, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228915976_Smart_cities_ranking_An_effective_instrument_for_the_positioning_of_the_cities. Acesso em: 12 out de 2020

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Classificação e Caracterização dos Espaços Brasileiros - Uma Primeira Aproximação*. 2017. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100643.pdf>. Acesso em 16 de Fevereiro de 2021.

UNITED Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division. *World urbanization prospects: The 2014 revision (ST/ESA/SER.A/366)*, 2015. Disponível em <http://esa.un.org/unpd/wup/FinalReport/WUP2014-Report.pdf>. Acesso em 13 out de 2020.



Autor:

PAULO GUSTAVO SEHN - Licenciado em Computação (UNISC), Especialista em Informática Aplicada à Educação (UNISC), Mestre em Educação (UNISC) e Doutorando no PPG em Memória Social e Bens Culturais (Universidade La Salle). Coordenador Pedagógico na Secretaria de Educação de Estrela, Professor na Graduação da Faculdade La Salle Estrela e no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Lajeado. Natural de Estrela - RS.



MOBILIDADE CULTURAL EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO

*A verdade essencial da vida:
ela é um sistema instável no
qual se perde e se reconquista
o equilíbrio a cada instante;
a inércia é que é o sinônimo
de morte. A lei da vida é
mudar. ("A Velhice" Simone de
Beauvoir)¹*

Geralmente quando pensamos o tema mobilidades culturais pensamos no deslocamento geográfico de um indivíduo ou grupo de pessoas saindo de uma determinada realidade cultural em direção a outra, dando a ideia de um reposicionamento no espaço, algo territorial. E, nessa passagem para um outro território, ocorrem, entre indivíduos ou grupos, interações que irão produzir novas culturas e espaços de saberes, nascendo neologismos e costumes híbridos. Exemplo disso seria o uso da bombacha, de origem turca ou árabe, que foi incorporada à indumentária dos países da bacia do Prata ao longo da história². A mobilidade, caracterizada pela saída de um estado ou lugar sempre desperta um estranhamento, um confronto, como aquele retratado por Caetano Veloso, em sua música "Sampa"³, a qual compôs relatando sua experiência quando, pela primeira vez, deparou-se com a cidade de São Paulo:

*Quando eu te encarei frente a
frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi,
de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que*

*não é espelho
E à mente apavora o que ainda
não é mesmo velho
Nada do que não era antes
quando não somos Mutantes
E foste um difícil começo
Afasta o que não conheço
E quem vem de outro sonho feliz
de cidade
Aprende depressa a chamar-te
de realidade
Porque és o avesso do avesso
do avesso do avesso*

Em "Sampa", que foi composta no final dos anos 70, o poeta buscou traduzir em versos a primeira impressão que teve da "cidade da garoa" quando lá desembarcou, ainda na década de 60. Egresso da Bahia, vindo de um lugar com natureza em profusão, com palmeiras, mar esplendoroso com praias de areias brancas, que inspira uma malemolência característica, impactou-se diante de tudo o que viu, e fez em versos musicados o espanto que sentiu. Em princípio não se reconheceu na cidade, pois aquele espelho não refletia a imagem que tinha internalizado de cidade. E, a partir desse não reconhecimento distanciou-se, pois "à mente apavora o que ainda não é mesmo velho", ou seja, à mente (consciência), onde estão arraigados nossos referenciais culturais se apavora, se choca, ao deffrontar-se com aquilo que não lhe é velho, ou com aquilo com o que não está acostumado. E, para Caetano, essa adaptação só poderá ser vivida quando formos mutantes, numa alu-

são ao grupo musical paulistano de mesmo nome que tinha como característica o experimentalismo com todos os estilos musicais, seja rock, pop, baião, mpb, etc. Ou seja, a adaptação à diversidade só poderá se consumir quando nos permitirmos transcender. Nesse momento aprendemos depressa a nova realidade.

Há também mobilidades culturais sazonais, quando por exemplo incorporamos a cultura de um determinado evento, como na semana Farroupilha, época que ataviamo-nos

Mobilidade é movimento, é diástase, é sair de um estado para outro, físico ou simbólico.

com bombachas e vestidos de prenda, não usadas no moderno cotidiano urbano, ou ainda quando, em saída do Rio Grande vamos participar de festejos de São João no Recife, ou no carnaval no Rio de Janeiro, ou também quando adquirimos abadás para participar da folia na Bahia, moldando-nos às realidades locais em honra à cultura proposta por esses eventos e povos.

Mobilidade Cultural também pode ser pensada quando o sujeito alcança um grau de conhecimento mais elevado, seja pela alfabetização, pela graduação ou pós-graduação, ou ainda quando estuda e compreende um outro idioma ou conhecimento técnico, transcendendo sua antiga condição. Neste outro sentido, essa mobilidade cultural está associada ao avanço e à abertura da mente do sujeito às novas

percepções de conhecimento.

Mobilidade é movimento, é diástase, é sair de um estado para outro, físico ou simbólico. Pierre Bourdieu, sociólogo francês, nos apresentou o conceito de habitus⁴ que vem a ser uma estrutura estruturante que funciona como uma força motriz das práticas e representações individuais e grupais. Segundo esse autor, os atores sociais internalizam valores, regras, normas presentes nas estruturas onde estão alocados, adequando-se a essas regras e valores presentes na estrutura social. Neste sentido, o habitus seria um produto dessa relação de reciprocidade, de troca, de interdependência entre a realidade objetiva (da estrutura presente) e aquela trazida pelo ator (subjetiva). Esse habitus torna-se então uma nova estrutura que produz novos valores. Assim, mobilidade seria o ato, o habitus seu produto.

Mobilidade Cultural é antes da ação, deliberação, conforme o ensino Aristotélico. Há um querer anterior, externo ou interno que move o sujeito a sair do seu estado natural, inviável, à procura de um outro, viável. Isto bem se demonstra na diáspora dos judeus (deliberação externa), ou pelos imigrantes que saem de seus locais de origem em busca de condições de vida melhores (deliberação interna).

Mas para existir Mobilidade Cultural há de se ter interação social. Pois somente o ato de ocupar espaço com outros, necessariamente não caracteriza mobilidade cultural. Exemplo disso encontramos em grupos culturais, como os Amish⁵ na América do Norte, que, embora dividam espaço com outras culturas, são refratários ao dialogismo.

O Educador Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido* bem explana a razão de ser da interação humana que só pode ocorrer pelo dialogismo, pela interação com o outro:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciadores, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas nas palavras, no trabalho, na ação-reflexão.⁶



Simulação conflito entre vizinhos
Foto: Moysés Lopes Prates

Essa busca do “ser mais” não está condicionada somente, como falamos anteriormente, aos atos físicos migratórios, mas a mobilidade cultural se dá também quando, para encontrar a solução de um conflito que experimentamos, passamos a entender aquele que nos é divergente como um outro eu, e imergimos na busca de compreender suas percepções diferentes sobre a mesma realidade.



Simulação registro ocorrência
Foto: Moysés Lopes Prates

Neste sentido, a Polícia Civil do Estado do Rio Grande do Sul, desde o ano de 2013, vem implementando um Programa de Justiça Restaurativa, denominado Programa Mediar, que objetiva auxiliar as partes em conflito a encontrarem uma solução que lhes possibilite o resgate do sentido de justiça afetado pela intercorrência do conflito.

Como encontrar a solução de um conflito com o outro sem conhecer a disposição mental deste? E, nessa condição, estando a animosidade aflorada, torna-se difícil o processo de comunicação e entendimento. Nesse momento as partes buscam auxílio do Estado registrando ocorrência pedindo providências, pois a solução para aquele caso lhes foge do alcance.

Ao invés de sumariamente indiciar alguém que sequer pode se



**Simulação de diálogo individual
com a demandante/que fez o registro**
Foto: Moysés Lopes Prates



**Simulação de diálogo individual
com a demandada/acusada**
Foto: Moysés Lopes Prates



**Simulação de diálogo conjunto
entre demandantes**
Foto: Moysés Lopes Prates

pronunciar sobre o ocorrido, a Polícia Civil, através deste programa, permite a possibilidade do resgate do entendimento através do diálogo assistido, visando com isso resgatar a coesão social, não pela imposição estatal, mas pelo entendimento e formação de convenção entre os litigantes. O resgate do diálogo, inicialmente assistido, torna-se o meio de resolução de contendas, vez que, em um conflito, a primeira vítima sempre é o diálogo. Dessa forma, após ouvir os interesses, necessidades e possibilidades expostos e propostos pelas partes, de forma individual, o mediador leva ao outro aquilo que lhe foi autorizado a dizer, desenvolvendo o diálogo, visando ao entendimento.

Assim, nessa interface, o mediador auxilia as partes a fazerem uso da razão e estes vão filtrando os excessos e concentrando-se em seus reais interesses.

Mas, para a compreensão do outro é necessário que o sujeito saia de si e vá ao encontro do outro. Isto representa uma mobilidade cultural inovadora, que parte de um estamento de memória cultural que entende por Justiça somente quando há aplicação de punição a alguém. Daí ser também a mediação um processo de reeducação do exercício da convivência, não aquela "bancária", externa e vertical, contestada por FREIRE, antes a "libertadora" que permite comunhão e compreensão de saberes pelo diálogo, e, em razão disso, ser este meu tema de dissertação, a criação de uma nova memória a partir da aplicação da mediação como meio alternativo de Justiça, que se atinge pelo exercício de empatia fomentada pelo mediador. Nesse processo se busca, primeiramente, a compreensão da horizontalidade cultural do outro, os valores e crenças que orientaram suas ações e culminaram no ato litigioso. Alcançando esse objetivo, ocorre reciprocidade e chegam as partes, ao final, ao entendimento.

Certo que o mundo mudou, e devemos mudar também. Ficar inertes, como dito por Beauvoir, é morrer, e a lei da vida é mudar.

Pois, conforme Paulo Freire: "Esta busca do ser mais, porém, não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires".

Mas aí nos ocorre o desafio do tema: Mobilidade Cultural em tempos de distanciamento. Como buscar o "ser mais", o ser que se estabelece pelo diálogo com o outro? Como, poder ofertar essa possibilidade de cada um dos litigantes saírem de si em direção ao outro para, ao fim, alcançarem esse entendimento necessário à boa convivência?

A resposta é a utilização do diálogo por outras ferramentas sem ser a presencial. Do mesmo modo que a Unilasalle manteve com seus alunos a comunicação, através de e-mails, plataforma meet e whatsapp, mantemos com as partes litigantes o diálogo por estas ferramentas.

A utilização da videochamada, recurso comum do aplicativo whatsapp, é o meio mais utilizado, pois permite a manutenção da voz e da expressão visual das pessoas, pois estas têm necessidade de serem vistas, enxergadas, e querem também reciprocidade, querem ver com quem falam e se esse ou essa está lhe prestando atenção.

Além disso, esse modo preserva o isolamento e o distanciamento entre as pessoas, o que neste momento é de extrema relevância pois evita o

aumento de circulação, de exposição à contaminação, logrando com isso diminuição nos índices de hospitalização e mortes de pessoas.

Certo que o mundo mudou, e devemos mudar também. Ficar inertes, como dito por Beauvoir, é morrer, e a lei da vida é mudar. Mudamos, mesmo com certo espanto como disse Caetano, mas vamos nos adaptando, e seguindo permitindo que outros possam exercer seus direitos às suas mobilidades, e mudem também.

REFERÊNCIAS:

BEAUVOIR, S. *A Velhice*, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1990
Jornal do Mercado, edição virtual 24/04/16 <https://jornaldomercado.com.br/de-bombacha/>

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/aniversario-de-sp/2018/noticia/musica->

BOURDIEU, P. *A distinção, Crítica social ao julgamento*, São Paulo, Edusp; Zouk, 2006

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-comunidade-amish.phtml>

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, p.108, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2018



Autor:

MOYSÉS LOPES PRATES - Mestrando em Memória Social e Bens Culturais do Unilasalle, Comissário de Polícia, Secretário do Programa Mediar da Polícia Civil desde 2014. Formado em Ciências Sociais, é docente conteudista do Curso de Formação de Mediadores de Conflitos ministrado pela Academia de Polícia Civil do Estado do RS e UERGS.





Foto: Tatiana Araújo de Lima.

COVID-19: Como manter a paz, a saúde mental e a serenidade em tempos de pandemia!?

Se a pandemia causada pelo vírus da COVID-19 testa nossa capacidade de resiliência, disso, possivelmente, quase nenhum de nós têm dúvida. As questões contundentes surgem quando passamos a pensar e refletir do quanto o isolamento e o distanciamento social promoveram mudanças em nossos hábitos, na forma como nos relacionamos e na desenvoltura ao qual desempenhamos nossos diferentes papéis em nossas vidas.

Não se trata aqui de definir o quanto são ou não úteis os cuidados com higiene, o uso de máscaras e álcool gel; nem, tampouco, se há ou não necessidade de isolamento e distanciamento social - já que todas essas questões têm sido exaustivamente desenvolvidas tanto pelos meios de comunicação quanto pelos diferentes profissionais de saúde mundo afora.

Há aqui interesse, em refletir, o quanto tais mudanças que incidiram na rotina de todos, têm trazido significativos atravessamentos que

influenciaram não só nossos modos de viver, como também trouxeram novos desafios, novas oportunidades, reflexões e afloraram os mais diversos tipos de sentimentos.

A partir desse aspecto, pode-se avançar no intuito de ponderar ao fato de que a pandemia foi percebida de diferentes formas pelas pessoas, ou seja, cada experiência de vida singular trouxe consigo diferentes atravessamentos e ressignificações atreladas à pandemia causada pelo COVID-19. Há, portanto, aqueles que dizem ter se beneficiado de alguns aspectos intensificados pela pandemia, como ter tido a oportunidade de maior contato familiar, passando a desenvolver suas tarefas em home office em suas próprias casas. Outros, porém, tiveram a oportunidade de refletir acerca dos desafios pandêmicos e concluíram ter começado a valorizar mais seus familiares e a importância do convívio e do cuidado, tanto com os mais velhos, quanto com as crianças. Contudo, todos esses atravessamentos, e outros possíveis, que também podem ser completamente distantes ou contrários a essas experiências – surgem como fruto das percepções individuais e subjetivas que os sujeitos têm, ou tiveram, principalmente, em determinados períodos da pandemia, ou, que predominaram na maior parte do tempo pandêmico.

Se pensarmos que já se passa acerca de um ano após o início da pandemia no Brasil, a passagem do tempo é percebida como acelerada, para alguns, e, demorada, para outros. Há percepções acerca do tempo que se findam, fundem, ou, até mesmo, entram em controvérsias. Afinal, como lidar com uma pandemia que há já um ano assola o Brasil, já em perceptível segunda onda, trazendo uma série de desafios econômicos-sócio-culturais!? E ainda, perceber que a pandemia não diz respeito apenas ao Brasil, mas a todo o mundo, pois todos estão lutando contra um inimigo invisível, que surge globalmente, em todos os países. Mesmo que hajam tendências negacio-

nistas, que por alguns, tenham intenção de negar o vírus, ou mesmo, a pandemia causada pelo COVID-19 – há evidências científicas que refutam a negação da presença global do vírus, tanto como prevalece o desafio da produção de vacinas eficazes e sob abrangência mundial, transformando 2021 em um ano repleto de desafios, que incluem rápida e equânime distribuição de vacinas globalmente

**Mas como
contemplar o outro,
se mal conseguimos
contemplar
a si mesmos!?
Como pensar no outro,
se muitas vezes,
estamos nós
mesmos confusos,
enfrentando conflitos,
em pânico
ou deprimidos!?**

com fins de erradicar o vírus o mais rápido possível.

Porém, por enquanto, estamos à espera da completa erradicação do vírus da COVID-19, em que há tanto o desafio de aguardar na fila da vacinação sua vez, quanto continuar de forma resiliente com os cuidados sanitários de uso de máscaras, álcool gel, distanciamento social e, principalmente, evitar situações sociais que possam intensificar a transmissibilidade do vírus, como por exemplo, aglomerações ou grandes reuniões de pessoas.

É dentro desse contexto, que à primeira vista pode nos parecer um tanto caótico, que somos convidados

a insistir, a fortalecer nossa persistência, a buscar em nossos corações força suficiente para seguir em frente, não somente focados em nossas próprias vidas – mas quem sabe, abarcando a importância da coletividade para o bem-estar nosso e dos outros, de todo o coletivo global que forma o mundo ao qual vivemos. Afinal, a pandemia não diz respeito somente a nós, mas a todos os habitantes desse planeta, já que todas as nações do mundo lutam para o mesmo objetivo – erradicar o vírus da COVID-19.

Mas como contemplar o outro, se mal conseguimos contemplar a si mesmos!? Como pensar no outro, se muitas vezes, estamos nós mesmos confusos, enfrentando conflitos, em pânico ou deprimidos!?

Mas o que a obra Humanae têm para compor conosco!? O que o olhar e a fisionomia de tantos rostos diferentes e inusitados têm para nos mostrar... !?

O segredo em ousar olhar para o outro, ao buscar ir ainda mais longe, compreendendo que estamos vivendo em um mundo global, em uma grande coletividade... pode ser a chave para nosso bem-estar, para avançarmos com nossos corações, com o anseio de que todos possam se beneficiar, ter causas e condições plenas para enfrentar a pandemia, considerando que todos estamos vivendo desafios semelhantes relativos à erradicação da COVID-19.

Há quem diga que a ternura possa ser a capacidade de se colocar no lugar do outro, de ter compaixão

por aqueles que são diferentes de nós, ou melhor, também aqueles que estão além dos nossos conhecidos, amigos e familiares. Desenvolver a ternura para com o próximo vem de buscar treinar nossos corações para que tenham compaixão, ou seja, para que tenhamos discernimento e sabedoria para perceber a realidade dos outros, para que possamos ultrapassar o foco em olhar apenas nossas próprias realidades.

Quando em visita à Fundação Iberê Camargo, me deparei com fotos da artista brasileira Angélica Dass, um lindo mosaico de cores se desenrolou para mim. Foi um impacto tão grande que fiquei muito tempo ali observando em detalhes cada um daqueles rostos que compunham o mosaico da obra Humanae. A Exposição compôs a 12ª edição do Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre, Da Diáspora: Identidade, Hibridismo, Diferença (27/04 à 26/05/2019).

O Projeto de Humanae, de Angélica Dass, segundo dados do site oficial da artista, é composto por mais de 4000 voluntários de 20 países, em 36 cidades ao redor do mundo, com diferentes cores de pele. Nas palavras do site oficial: "Todos os tipos de crenças, identidades de gênero ou deficiências físicas, um recém-nascido ou doente terminal, todos juntos constroem Humanae. Todos nós, sem rótulos."

A artista Angélica Dass iniciou Humanae em 2012 e ainda continua trabalhando nessa coletânea de rostos, sua técnica é tirar fotos de estúdio das pessoas e depois de um ponto retirado da imagem, com foco no nariz da pessoa, ela tem uma cor de pele que então ela compara a um dos números respectivos da paleta industrial PANTONE®. Para a artista, é uma forma de ultrapassar nossos padrões de cores de pele, questionar nossos códigos associados às raças e suas supostas cores.

Para compor muitas das fotos expostas em Porto Alegre, Angélica Dass buscou registrar pessoas de todas as classes sociais, desde ri-



Foto: Tatiana Araújo de Lima.

cos nos EUA à refugiados na Europa, populações pobres na Índia, de estudantes suíços aos brasileiros que vivem nas favelas. E ainda considera seu trabalho inacabado, pois ainda está em construção, em que novos registros são anexados o tempo todo, de forma que as diferentes exposições de fotos desse trabalho tornam-se únicas a cada momento, com novos rostos sendo incorporados ao longo do tempo. Atualmente, Angélica Dass têm sua obra *Humanae*, no American Museum of Natural History, em New York (09/03/2020 à 08/08/2021); exposta no quinto museu mais visitado dos EUA e o décimo segundo mais visitado do mundo (dados oficiais do site da artista).

Mas o que a obra *Humanae* têm para compor conosco!? O que o olhar e a fisionomia de tantos rostos diferentes e inusitados têm para nos mostrar... !?

É possível que possamos nos brincar com a oportunidade para que possamos contemplar a multidiversidade que faz do mundo global - um local de muitos rostos, mas também de muitos corações, de esperanças, anseios, desejos, angústias e expectativas.

O mundo se tornou aceleradamente globalizado e, quer desejemos ou não, tudo está mais interconectado - da internet às redes sociais, até mesmo o comportamento dos povos, seus desafios e dificuldades. A



Foto: Tatiana Araújo de Lima.

partir desses diferentes pontos de vista surgiram novos desafios que têm se acirrado ainda mais nesses tempos pandêmicos, ao qual toda a humanidade luta contra o vírus invisível da COVID-19.

Mas será mesmo que podemos dizer que pertencemos a um único lugar nesse mundo!?!? Será que apenas nos subjetivamos em nossos próprios espaços, em uma espécie de "zona de conforto", ou necessitamos de novas experiências de vida que nos ressignifiquem, nos apoiem e nos impulsionem em busca de novas vivências!?!?!?

A partir das percepções de Bernd (2011), a expressão - enraizamento dinâmico - ganha outra perspectiva mais abrangente, a qual mesmo havendo a construção identitária baseada na afirmação de pertença a um lugar; há a construção emergente, porque essa se faz necessária, por meio da abertura para o outro, para a relação e toda sua diversidade que possa vir a representar. Desta forma, o nomadismo

enquanto metáfora criada como referência às multiplicidades de identificações dos indivíduos, passa a ser em si, substituição da identidade de raiz única, para, assim, afirmar-se enquanto também propulsor de deslocamentos que salvam pelo processual que instauram, para além dos próprios sentidos presentes no enraizamento.

Ao olhar o outro, é possível olhar o outro em nós, ressignificar que jamais estamos sós... É possível, ao olhar os outros, avançar na percepção que todos temos sentimentos que podem ser semelhantes - ou mesmo, que todos temos corações que podem se encher de ternura, compaixão e amor ao próximo. A transformação desses sentimentos pode fazer brotar em nossas vidas outra forma de felicidade, de bem-estar, algo que nos invade porque nos faz perceber que jamais estivemos sós, porque todos pertencemos a humanidade e ao planeta Terra.

Cada olhar, cada semblante que Angélica Dass nos brinda

Há esperança, há resiliência, mas ela está presente naqueles corações que têm coragem e persistência para prosseguir, seguir em frente, resolutos e determinados, seguindo todas as possibilidades que podem ser engendradas em um amanhã mais equânime, mais saudável e determinado a desenvolver a solidariedade, o discernimento e a sabedoria.

em suas fotos, é uma possibilidade para ousarmos olhar para além de nossas vidas, para focos completamente diferentes, em direção a outras realidades e desafios; porém, a um único sentimento, de que todos fazemos parte globalmente de um único mundo.

Se a pandemia acirrou nossas dificuldades e também conflitos e vulnerabilidades, há também a oportunidade peculiar de contemplar, de que mais do que nunca somos convocados a refletir o mundo de forma global; em que todos dependemos uns dos outros, em que só a união de

todos poderá erradicar mais rapidamente o vírus invisível que assolou países e matou pessoas de todas as idades, etnias e classes sociais.

Há esperança, há resiliência, mas ela está presente naqueles corações que têm coragem e persistência para prosseguir, seguir em frente, resolutos e determinados, seguindo todas as possibilidades que podem ser engendradas em um amanhã mais equânime, mais saudável e determinado a desenvolver a solidariedade, o discernimento e a sabedoria.

REFERÊNCIAS:

Amaral, Roberta. *Qual a cor da sua pele?* Fundação Iberê Camargo, 29 abr. 2019. Disponível em: <http://iberecamargo.org.br/qual-a-cor-da-sua-pele-angelica-dass/> Acesso em: 21 jan. 2021.

Bernd, Zilá. *A poética nômade de Jean-Marie Le Clézio*. In: *IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL NEOS. LUGARES E FIGURAS DO DESLOCAMENTO; MIGRAÇÕES E IDENTIDADES*. Sergipe, 4 a 6 maio 2011.

Humanae. About the Project. Photography. Exhibitions. Public Speaking. Education. Angélica Dass, Disponível em: <https://angelicadass.com/photography/humanae/> Acesso em: 14 fev. 2021.

Kongtrul, Dzigar. *Training in Tenderness*. Colorado (EUA): Shambhala Publications, 2018.



Autora:

TATIANA ARAÚJO DE LIMA - Psicóloga e Mestre em Educação (UNISINOS); Bolsista CAPES e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (Universidade La Salle - Canoas - Brasil).





Os protagonistas de "Terra Nostra" de 1999, Giuliana (Ana Paula Arósio) e Matteo (Thiago Lacerda) – Divulgação TV Globo

AS DIÁSPORAS E A TELEDRAMATURGIA

Não é recente que a teledramaturgia venha lançando mão de temas que envolvem as diásporas e suas implicações na mobilidade cultural do país. A discussão, ainda que com reservas de livre trabalho artístico, se propõe a endossar a influência que as culturas dos mais diversos países do mundo têm sobre a nossa e, principalmente, da formação do cotidiano cultural brasileiro, afinal, somos um país de maioria negra e a cultura afro não nos é originária e sim fruto da diáspora dos negros que vinham nos navios negreiros e eram trazidos à terra brasilis como escravos.

Primeiramente, é preciso compreender a definição da palavra "diáspora" que, segundo Bolaños (2010,

p. 167), alude à dispersão, migração, criatividade multicultural e até mesmo a exílio/êxodo de povos pela terra. Pois bem, após essa rápida compreensão, podemos visualizar melhor a presença das diásporas na teledramaturgia e mais precisamente dos anos 2000 pra cá.

Até o ano 2000 e desde a primeira telenovela exibida, muitas foram as abordagens como na extensa "Os Imigrantes" exibida na TV Bandeirantes de 1981 a 1982 com a marca de intermináveis 459 capítulos escritos pelo ruralista Benedito Ruy Barbosa. A novela, em sua longa jornada, contou sobre a chegada dos imigrantes europeus no Brasil pós-escravidão e como eles construíram suas colônias que na atualida-

de são símbolos de desenvolvimento e progresso no Brasil justamente pela mobilidade cultural importada e implementada por aqui e que deu bastante certo. Entretanto, o mesmo Benedito Ruy Barbosa fez sucesso com a história de "Terra Nostra" em 1999 na TV Globo. A novela, além de contar sobre a imigração italiana, usou de recursos realísticos ao abordar a peste nos navios e os corpos de pessoas mortas pela doença jogados ao mar. Porém, além de ter sido um fenômeno de audiência e de crítica, Terra Nostra trouxe o conflito cultural entre os italianos e os "brasilianos" que aqui já habitavam, o que rendeu uma excelente história sem deixar o grande romance de pano de fundo de lado.

A partir de 2001, a dramaturga Glória Perez, conhecida pelas tramas fortes e polêmicas e uma discípula ferrenha de Janete Clair, abre uma porta para o mais forte choque cultural confrontando a cultura brasileira de costumes com a cultura árabe voltada ao islamismo. O resultado foi a novela "O Clone" que, apesar de abordar sobre a prática genética experimental, se pautou pelo confronto cultural entre brasileiros mais "liberais" e os marroquinos que aqui viviam. A novela foi um verdadeiro sucesso e conseguiu de uma forma bastante competente trazer o universo árabe para a telinha.

Em 2009, a mesma autora trouxe o universo indiano e os "hare baba" que viralizaram na internet em franca ascensão e difusão no Brasil. A novela "Caminho das Índias" mostrou o hinduísmo de uma forma didática fazendo com que o telespectador todas as noites se identificasse com o universo "bollywoodiano", os costumes, a segregação dos dalits, até a forma de fazer negócios baseada no horóscopo e nas "auspiciosidades". O resultado foi o prêmio Emmy de melhor novela em 2010 e alguns outros reconhecimentos à autora pela sua capacidade de encantar na teledra-

matúrgia por meio das diásporas.

Encerrando a trilogia, em 2012 a autora trouxe "Salve Jorge" a menos bem-sucedida da série e mais criticada pelas falhas de texto e de atuação. No entanto, olhando pela ótica das diásporas, a novela encantou com o universo da Turquia e com a estonteante paisagem

O mais interessante é que "Órfãos da Terra" deu um show de multiculturalidades em uma única novela e as autoras conseguiram entrelaçar diferentes culturas e mostrar as dificuldades cotidianas de uma forma folhetinesca bastante responsável, o que fez com que vencesse o Emmy de melhor novela no ano de 2020.

da Capadócia e seus balões. A novela trouxe o polêmico tema do tráfico humano especialmente o de crianças e mulheres vendidas para preencher famílias ou mesmo para a exploração sexual. A questão cultural ficou um pouco em segundo plano nesta trama.

Depois de Glória Perez, a novela com mais nuances do choque de culturas fora "Órfãos da Terra" de

2019. A novela escrita pelas talentosas Duca Rachid e Thelma Guedes, já consagradas no horário das seis por tramas de sucesso como "Cama de Gato", "Cordel Encantado" e "Joia Rara", essa última vencedora do Emmy de melhor novela, conseguiu, já nos primeiros capítulos, retratar o drama dos refugiados sírios devastados pela guerra no país, obrigados a sair de casa, perdendo familiares, morrendo, passando necessidades e se refugiando no grande Brasil.

Órfãos da Terra originalmente seria para o horário das nove, mas a emissora entendeu ser melhor no horário das seis, o que pra muitos foi um erro, pois o horário das seis não tem a mesma audiência e acaba privando boa parte do público de verdadeiros deleites dramáticos por incompatibilidade de horários. No entanto, isso não impediu a novela de ser um grande sucesso, com algumas críticas negativas aos rumos folhetinescos em contraste do show de imagens e atuações dos primeiros capítulos.

A história de uma família refugiada em campos de concentração que cruza o caminho de um sheik interessado na filha mais velha e em desposá-la é o pano de fundo da trama. A família perde o filho mais novo e foge para o Brasil com um motivo: fugir do sheik abandonado pela bela Laila que foge no dia do casamento e se apaixona pelo algoz contratado para capturá-la, Jamil, o afilhado do sheik.

No Brasil, a família de Laila se instala na casa de parentes em São Paulo e começam os conflitos culturais não apenas no núcleo da família, mas no bairro onde vivem. A família de Laila é tradicional e ortodoxamente árabe, trazendo, inclusive, as iguarias culinárias da Síria. No mesmo bairro, vivem duas famílias de judeus, a de Boris e de Ester que protagonizam embates com os muçulmanos moradores no bairro, a família de Mamede.

Em meio ao pano de fundo folhetinesco de vingança da filha do sheik pelo assassinato misterioso do pai no Brasil, a novela encanta

Os protagonistas de "Órfãos da Terra". Laila (Júlia Dalávia), Jamil (Renato Góes) e Dallilah (Alice Wegmann)
Divulgação TV Globo



pelas discussões diaspóricas como no caso do médico sírio Faruq. O médico tem dificuldade em conseguir a revalidação do diploma, atende clandestinamente até então e não consegue levar adiante o romance com a colega médica por ela ser empoderada e independente demais para o costume dele. Por mais que haja a discussão justa e necessária do empoderamento feminino, não se pode afastar a questão cultural ortodoxa dos povos sírios, árabes e suas religiões que influenciam diretamente. Nisso reside um enorme ponto de inflexão traçado no contexto da trama contada por Duca e Thelma, a adaptação.

De outro lado, estão os congoleses e haitianos que vão morar no Instituto Boas-vindas do Padre Zoran, descendente de imigrantes croatas. Jean-Baptiste é negro, haitiano, com um talento vocal impressionante, mas esbarra no racismo estrutural com negros premente na estrutura social brasileira e isso rende mais um ponto de discussão na trama. Marie, imigrante congolesa, sofre com a perda do filho Martin em decorrência da guerra e acaba reencontrando-o, traumatizado e necessitando de muito amparo psicológico que encontra na arte.

O conflito entre hebraicos e árabes mostra-se presente na trama quando Cibele, descendente de árabes, se apaixona por Davi, de cultura judaica que vem para o Brasil após lutar no exército de Israel. A relação dos dois é repudiada especialmente pela família de Davi dados os confrontos na Faixa de Gaza e a disputa entre Egito e Israel e a histórica divergência entre esses povos.

Todos os conflitos e discussões passam essencialmente pela receptividade de Padre Zoran no seu instituto, uma prova viva da institucionalização não-governamental do amparo a refugiados no Brasil de todas as nações, fazendo do nosso país uma referência humanística mesmo com os graves pro-

blemas que se verificam na adaptação de novas culturas.

O mais interessante é que "Órfãos da Terra" deu um show de multiculturalidades em uma única novela e as autoras conseguiram entrelaçar diferentes culturas e mostrar as dificuldades cotidianas de uma forma folhetinesca bastante responsável, o que fez com que vencesse o Emmy de melhor novela no ano de 2020. Para quem não assistiu, vale a pena assistir aos episódios completos no Globoplay e entender melhor como as diásporas renderam uma excelente novela, com nuances interessantes, personagens e tramas que nos fazem refletir sobre a humanidade e sobre como a mobilidade cultural pode trazer encantamento e ressignificação a nossa existência.

REFERÊNCIAS

BOLAÑOS, A.; BERND, Z. (org.) Diáspora. In: *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Litteralis, 2010.

Portal GShow. Disponível em <www.gshow.globo.com>

Portal Memória Globo. Disponível em <www.memoria.globo.com>



Autor:

TALLES GARCIA SANTANA - é Bacharel em Administração pela UERGS, mestrando em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, Professor de Graduação e Pós-Graduação da UNIASSELVI/ Polo Charqueadas, Servidor Público de carreira do município de Charqueadas/RS, palestrante, influenciador digital no Instagram e apaixonado por novela desde criança. Destaque de Melhor Trabalho na categoria mestrado no SEFIC 2020.



Entrevista com o Grupo De Pernas pro Ar teatro de rua

Entrevista realizada com Luciano Wieser e Raquel Durigon
no dia 24/04/2020 - via Google Meet

Por Robson da Silva Constante, Wagner dos Santos Chagas,
Lúcia R L Rosa e Ronaldo Silva Lopes - professores do
PPG Memória Social e Bens Culturais Unilasalle

Degração: Robson da Silva Constante,
Daiane Santos Santiago e Lúcia R L Rosa

Robson: Agradecemos a vocês e esperamos poder contribuir da melhor maneira possível. Gostaríamos de saber um pouco de vocês, se vocês são de Canoas, onde nasceram, onde passaram a infância, a adolescência?

Raquel: Agradecemos a vocês terem nos procurado. Somos um grupo autodidata e é muito legal quando a universidade também tem um olhar para esse outro lugar de conhecimento. Eu nasci em Espumoso, depois a minha família foi morar em Erechim e lá eu tenho duas coisas que marcaram a minha infância; eu olhando agora para trás, me lembro, desde muito pequena, assistir a um teatro no porão de casa. Era um teatro feito com adolescentes, tinha uma cadeira de rei, alguma coisa parecida, então, essa é uma memória que eu tenho. Vim morar em Canoas com 7 anos, a minha mãe era professora e

existia uma revista chamada Revista do Ensino, e dentro sempre tinha um encarte de peças teatrais. Eu também tive uma infância muito rica de brincadeiras, com muitos amigos, brincava na rua e montávamos aquelas peças teatrais e eu sempre gostei de construir o cenário e ver os figurinos. [...] Ao fazer cursos de teatro, me reapaixonei por uma coisa que acho que estava lá dentro e quando eu e o Luciano nos conhecemos no período da adolescência, começou a ferver mais essa ideia do teatro na minha vida, muito estimulada por ele.

Luciano: Eu nasci em São Leopoldo, vim morar em Canoas com 5 anos e já me estabilizei no bairro Fátima, onde vivo até hoje. Posso dizer que eu tive uma infância bem rica, no sentido de contato com o externo, com a rua, com as brincadeiras de vila, com muitos amigos e muitas



construções porque eu sempre fui envolvido com brincadeiras, meu pai também gostava muito de construir coisas. Então, as lembranças da minha infância envolvem essa coisa toda da construção, de engenhocas, de casinhas, de elevadores. [...] Deixa eu relembrar duas coisas que para mim são importantes porque a gente tem essas vertentes do teatro, animação do circo, que são as linguagens que mais a gente pesquisou. Quando tinha mais ou menos uns 8 anos de idade, eu ganhei do meu pai duas marionetes de uma viagem que ele tinha feito para o Uruguai, eram macaquinhos que ajudaram a gente a fazer uma empanada e a caixa cênica para apresentação, fazíamos teatro de bonecos na garagem da casa, era uma coisa incrível, muito amadora, é óbvio, infantil, mas que marcou. [...] no final da década de 70, 80, fiz uma oficina em Canoas com o Terreira da Tribo e

ali vi que nosso teatro é uma outra coisa [...].

Robson: Por volta de que ano?

Raquel: Em 1988 a gente se juntou e tem uma particularidade, o grupo De Pernas pro Ar nasceu quando compramos uma escola em conjunto, eu e o Luciano e mais alguns sócios, uma escola infantil, o Recanto do Coelhoinho, ficava ao lado da Vila Mimosa, quase em frente à La Salle. Nós tivemos por 11 anos a escola, foi um grande laboratório para o grupo De Pernas pro Ar, onde ele nasce e se enraíza muito dentro dessa escola.

Wagner: Essa escola Recanto do Coelhoinho é quase um útero para o grupo, fala um pouquinho sobre como foi conviver dentro desse espaço escolar, ajudou o "start"?

Luciano: Uma coisa muito louca, a

gente nunca parou para pensar e escrever isso, mas a experiência teatral que a gente produziu dentro dessa escola era uma coisa muito revolucionária, de uma época em que trabalhávamos dentro da proposta construtivista. Mas eu quero focar no teatro, tinha uma sala grande destinada para o teatro, e lá, a gente criava verdadeiros cenários, onde as crianças podiam vivenciar o fazer teatral. [...] nós produzíamos esses espetáculos e intervenções, colocávamos as crianças lá dentro para uma vivência, não apenas para assistir e era uma coisa diferente que naquela época acontecia muito empiricamente. Hoje avaliamos o quanto foi importante para aquelas crianças, temos contato com muitos que são adultos e falam daquela época e no nosso fazer também. [...]

Raquel: Eu lembro de uma vivência, principalmente de datas festivas, a gente trabalhava muito a questão da ecologia, dos animais e era um momento que ainda não se falava sobre isso. O teatro ajudava muito nessa perspectiva pedagógica. [...] Nossos espetáculos têm um cuidado muito grande em como o público vai absorver aquilo de uma maneira diferente, até, às vezes, desconcertante, mas muito pedagógica, com muito carinho, com muita atenção, acho que isso vem lá da escola. [...]

Lúcia: Analisando a trajetória de vocês, fiquei pensando o quanto a vivência do circo influenciou do começo até hoje. Como a Raquel já falou sobre a sala de aula, embora não esteja lecionando, vocês sentem que essa trajetória de experiências do teatro é como uma espécie de sala de aula? Como culturalmente uma aula formada com elenco e com o público, que são duas questões que eu acho que o teatro trabalha bem, um elemento interno, a questão do grupo

em si e também uma questão externa com a plateia?

Raquel: Engraçado que eu nunca tinha pensado por esse lado, mas agora que tu falou, eu logo me lembrei que quase todos os espetáculos quando terminam, a gente bate um papo com o público sobre o que fazemos, o que não deixa de ser uma aula porque geralmente a gente desmistifica e mostra como é que construiu as coisas, de onde vêm e responde perguntas que eu acho que tem muito a ver com a questão pedagógica. Por isso que eu digo que acho que o nosso trabalho é muito impactado pela questão pedagógica, uma coisa que é legal falar: não passava pela minha cabeça que alguém poderia viver de arte, eu ia ser professora e era isso; então a arte era como se fosse uma coisa a mais que me deslumbrava, mas não via isso como uma profissão. [...] Quando eu decidi que eu não queria mais dar aula, que eu já tinha feito toda minha parte da missão de educadora, pensei: tá e agora como é que vai ser a nossa vida sem um salário fixo? Eu disse que faria a produção do grupo porque a gente precisava de uma pessoa para fazer isso, acho que foi muito importante essa decisão, foi onde também o grupo deslançou.

Luciano: Eu acho que sim, às vezes, eu penso que eu faço a mesma coisa na minha vida desde o começo. Assim eu fui aperfeiçoando a minha trajetória mas é o meu brinquedo, aquilo lá do começo, as coisas que eu brincava que eram naquele momento algo só para brincar e eu fui desenvolvendo isso. Essas coisas passaram a ser ferramentas minhas de comunicação, de vontade de se comunicar com o outro, o meu universo é permeado desde lá da infância. É muito doido pensar que todos os elementos surgiram lá, os bonecos, as coisas do circo surgiram lá da interpretação da rua, de trabalhar em espaços al-



ternativos. Nós, claro, moramos em uma cidade que tem teatro agora, há três anos, o SESC tem um teatro, ou seja, a forma de se manifestar eram os espaços alternativos, era a rua, os salões de igreja, então para mim foi muito tranquilo, uma opção verdadeira. E passou a ser um espaço de criação, de entender que a linguagem que a gente desenvolveu não é uma opção, como fazer isso no teatro fechado ou na rua. [...]

Lúcia: Eu fiquei curiosa sobre alguns aspectos da atividade de vocês porque é muito louco isso de vocês em 88 já terem feito uma peça, um espetáculo de rua. A primeira peça de vocês, oficialmente no grupo, já foi na rua. E o dinheiro para isso? Luciano: Eu venho com uma bagagem porque eu já tinha tido contato com o trabalho de ator na Terreira da Tribo, com experiências bem profundas com o teatro de animação porque eu tive a alegria de ter contato com um grupo muito importante do Rio de Janeiro, o Sem Modos. E eu fiz uma oficina com eles sobre teatro de bonecos de espuma, naquela época era muito forte e eu saí fazendo bonecos. Aquilo foi uma coisa muito fácil para mim, eu ainda trabalhava na Prefeitura, são bonecos que eu comecei a construir e a fazer coisas sozinho. Quando encontrei a Raquel, eu trazia essa experiência para se misturar com a dela, que também estava tendo uma experiência de teatro em Canoas, onde a gente se encontrou. Aí entra a escola, aí tem essa coisa do teatro para esse público, o que a gente pôde experimentar, antes de começar os espetáculos, foram essas experiências com as crianças, o que diferencia e que já tinha um trabalho do ator, então não era só um professor fazendo um trabalho de experimentação teatral mas também um trabalho de um ator e uma atriz, isso é um impacto um pouco diferente com as crianças, eu acho que produziam o material rico



Foto: Acervo Luciano Wieser

para a gente.

Raquel: Uma coisa que marca a nossa trajetória é o fato de a gente vir de um outro lugar, não viemos deste lugar do teatro de palco. A gente sempre fez um caminho inverso: enquanto que todo mundo ia muito para Porto Alegre para os palcos, a gente fez um outro caminho. Teve uma coisa que marcou muito a nossa história que foi participar muito cedo dos festivais internacionais de teatro de bonecos de Canela, onde o Luciano também chegou a ser presidente da associação que produzia o festival. Muito cedo na nossa trajetória a gente conseguiu assistir aos melhores espetáculos do mundo e isso foi muito importante, o teatro de bonecos tem uma característica muito forte com a rua, principalmente, aqui no Brasil.
[...]

Robson: Quais são as motivações que vocês têm hoje? Sabemos de toda dificuldade que a gente tem enfrentado com a pandemia, questões que envolvem políticas... Como seguir em frente com o projeto tão importante de vocês? Qual é a relação do artista no Brasil e o artista visto no exterior? Ele é enxergado

de forma totalmente diferente? A gente entende assim porque eu já estive entrevistando alguns atores de teatro e até mesmo músicos sobre essa relação, o quanto eles estão interpretando dentro do Brasil e fora, essa relação totalmente da arte e como as pessoas enxergam os artistas.

Luciano: Não está fácil falar disso mas vou tentar. Desde o início desse desgoverno vem acontecendo uma coisa que não tínhamos sentido ainda desde o processo da eleição, sabe? É uma desvalorização da categoria, tentando jogar nos artistas uma culpa e tentando com isso jogar a sociedade contra o artista como um cara que mama no governo, fora de tantas conquistas que tínhamos adquirido na última década. Fomos perdendo, mas acho que isso é uma coisa que eles não conseguiram, temos um contato muito legal com o público de muitos grupos do Rio Grande do Sul, que é um celeiro de grupos de teatro de rua, por exemplo, e o teatro de rua tem contato com as pessoas, então acho que ainda temos essa possibilidade de ter um público. Não tá fácil porque, como eu disse, a gente vem perdendo gradualmente, perdendo

editais, foi ficando cada vez mais difícil, sabemos de muitos grupos que estão passando dificuldades, nós somos privilegiados por ter tido no ano passado no Estado um ano todo dentro do processo de pesquisa bancado para um projeto incrível do Itaú. Faz uns 4 anos que a gente tem embarcado assim com um projeto atrás do outro e isso nos deu uma situação um pouco melhor de poder estar parado agora, não tá desesperado, claro, se pensar no futuro, se desespera; mas, enfim, a gente pôde nesses dois anos estar com um projeto interessante e não nos faltam inspirações. Ao contrário, isso tudo vai trazendo ideias para fazer mais, estamos muito preocupados porque achamos que quando terminar isso, a cultura vai estar completamente descartada dentro desse governo. [...] Sabemos que a arte está aí para abrir as feridas, está aí para falar as coisas, ela não se cala, é um importante instrumento de reflexão da realidade, de confronto com coisas do passado e isso incomoda, é óbvio que incomoda, e o que ela faz melhor, aglutina as pessoas olho no olho. Quando fizemos a circulação da Petrobrás com a Automáquina foi quando estava tendo as eleições, que era um período assim complicadíssimo, foi tão importante porque a gente quando terminava, falava alguma coisa, sem ser panfletário, mas para as pessoas refletirem. [...] faz anos que não ficamos um mês sem fazer dois, três espetáculos, que é o modo que a gente está desde este ano sem fazer espetáculo nenhum porque parou tudo e seremos os últimos a retornar, vamos ter que nos reinventarmos. A internet tem uma força poderosa, mas, mesmo assim, não dá conta, não podemos abrir mão daquilo que conquistamos, de entender que cultura, que a arte também é um bem público e que as pessoas precisam dela, como precisam de asfalto, de educação, de saúde, precisam de cultura. Ela não

pode ser descartada dessa forma, assim cortada, até porque na ponta tem profissionais se levantando, uma campanha forte agora também dos técnicos, todo mundo que está envolvido e que, às vezes, está pior que os artistas. [...]

Raquel: É muito difícil para a gente como um grupo, como eu disse, podemos estar parados nesse momento, mas é difícil saber que a maioria não pode. Isso nos angustia muito, então, temos trabalhado bastante

**...a arte
está aí para
abrir as feridas,
está aí para
falar as coisas,
ela não se cala,
é um importante
instrumento de
reflexão da realidade,
de confronto com
coisas do passado.**

para quando sairmos disso, termos trabalho também para que algumas coisas que os governos não fizeram, eles façam, por exemplo, aqui em Canoas, paguem os editais para que os grupos consigam passar esse momento. Estamos trabalhando bastante sobre isso, é claro que interfere na questão das nossas inspirações porque é o momento que é muito triste ver as pessoas passando dificuldades, morrendo e sem produzir. Eu acho que depois de tudo isso, vai surgir uma coisa muito potente porque é uma força que mexe com a gente, nós estávamos angustiados

[...], consideramos muito temeroso botar na internet mas, nesse momento, agora há pouco postamos um vídeo dizendo que estamos aqui. Foi uma loucura porque deu mais de 3 mil visualizações do vídeo, as pessoas colocando: façam alguma coisa, por favor, continuem. A gente fica pensando que temos o papel de encontro com o artista, esse é o nosso papel. A arte que vai manter a gente saudável, com a cabeça saudável diante de tudo, temos feito um esforço

**É importante
para uma cidade
ter um
curso de memória
e também
é importante
para uma cidade ter
um grupo de teatro
que tem 31, 32 anos
de trajetória.**

como grupo de nos mantermos criativos, pensamos em manter uma rotina, o Luciano está arrumando o espaço, eu estou me dedicando aos editais porque tenho que deixar coisas engatilhadas, não tem sido fácil.
[...]

Wagner: Esta entrevista foi fantástica por vários motivos, poder entender o entrelaçamento de múltiplas histórias, a vida de vocês que reverbera no trabalho da avó que era parteira, a mãe que contava muitas histórias, as pessoas que iam para o fim da vida viver com vocês na casa, essa produção de narrativas interativas a partir daí, das crianças dentro da escolinha,

este hibridismo, o empreendedorismo de múltiplas formas de expressão de arte, o circo, os bonecos, a música, essas muitas narrativas interativas que vocês constroem. Principalmente, o que me chamou muito a atenção, a questão do hibridismo do ator humano ou não-humano e como a máquina, a partir dessa interação humana, desperta sentimentos e emoções tão humanas, eu estava aqui na entrevista com alerta intelectual, um olhar pesquisador, mas com o olhar daquela criança da última foto que vocês mostram ali com aquele olhar de pulsão de vida. Esta entrevista hoje foi meu presente de sexta-feira para começar bem o meu final de semana, gostaria de dizer agora muito obrigado por essa oportunidade de criar esse espaço virtual, não é preciso, muitas vezes, estar colado pra estar junto, para mim foi um ganho, agradeço, muito obrigado.

Ronaldo: Eu deixei para falar por último porque eu sou suspeito, eu já transito com vocês desde 2007, então todas essas outras questões, e o que mais me chamou atenção no finalzinho quando o Robson perguntou o que inspira vocês, eu lembrei de uma fala do Mia Couto, escritor moçambicano, em que ele diz que o que nos inspira é o que tem capacidade de poder seduzir o outro. Como é que a gente pode seduzir o outro? Então, o Wagner falou que voltou no tempo da casa dos pais, na casa de passagem, onde o pessoal vinha para viver, vinha para morrer, vinha para transitar com a tua mãe contadora de histórias, a outra parteira... sobre a história da Ilha da Pintada, eu tenho uma tia que é de lá. Então tudo está entrelaçado e o trabalho do Luciano que junta as coisas no ferro velho e transforma o lixo em um instrumento e o meu trabalho aqui, o encantamento da criança e nós temos esse olhar da criança. [...] Grato mais uma

vez, que continuemos com essa nossa relação maravilhosa, grande abraço. Raquel: Eu queria falar que, como grupo, é muito importante a parceria com os cursos de vocês porque um pode potencializar o outro. É importante para uma cidade ter um curso de memória e também é importante para uma cidade ter um grupo de teatro que tem 31, 32 anos de trajetória. Esse primeiro contato é mais de pesquisa, também podemos ver como potencializar, abrimos aqui o nosso espaço para depois dessa pandemia se vocês quiserem vir aqui com os alunos conhecer. Eu acho que a memória é muito importante para nossa cidade, eu sempre penso nisso, o Luciano disse que não é para eu pensar nisso porque ele é muito do momento, mas eu sempre penso nisso, e quando não tiver mais a Raquel e o Luciano, terá todo esse acervo aqui, isso tem importância dentro da cidade. Então eu convido vocês para virem aqui, para utilizarem esse espaço, para que a gente possa ter um potencial. Fica aberto esse convite para em dias melhores, a gente poder fazer isso ao vivo. Podem vir com os alunos, podemos marcar esse momento aqui para vocês verem algumas máquinas funcionando, acho que seria bem bacana confraternizar esses dois movimentos importantes dentro da cidade para cultura.

Luciano: Quero agradecer também, apesar de ter uma resistência, sempre falo demais em entrevista, agora tem tido muitas, mas eu sempre aprendo muito aqui, gosto de escrever sobre o meu trabalho e, claro, sempre uma coisa mais poética. Estou com necessidade de estar em cena porque é o que eu faço, é onde eu fecho um ciclo, sempre dou muito do meu sangue pra isso, nossos espetáculos são sempre fortes e viscerais e eu espero que nesse momento de clausura a gente consiga sair daqui com alguma coisa mais forte ainda para se reencontrar com as pessoas. É o momento que está nos fazendo refletir, eu acho, tomara que todo mundo faça essa reflexão de tudo, do consumo do seu papel nessa sociedade e que, com o tempo, consigamos nos transformar realmente, uma mudança não vai ser de imediato, mas daqui a um tempo. Muito obrigado!

Robson: Nós que agradecemos, obrigado por estes minutos de sabedoria, de suspiros, eu vou postar depois no Facebook que eu não vou ficar triste nessa sexta-feira nebulosa e com todos esses fatos acontecendo, a gente conseguiu estar em outro patamar. Foi discutido cultura, realmente a cultura salva e dá novos respiros e novas perspectivas.



Entrevista realizada por:

Robson da Silva Constante, Wagner dos Santos Chagas,
Lúcia R L Rosa e Ronaldo Silva Lopes – professores do
PPG Memória Social e Bens Culturais Unilasalle

Degração:

Robson da Silva Constante,
Daiane Santos Santiago e Lúcia R L Rosa





Revista da Disciplina de
Oficinas de Linguagens
Culturais e Suas
Formas de Expressão
e da Disciplina de
Mobilidades Culturais
1º Semestre · 2021
Ano 11 · Nº 18

MARCAS DO DISTANCIAMENTO

ISSN 2358-1581

memória e linguagens
culturais

UNIVERSIDADE
LaSalle 